

S.T. ABBY

pa
ra
le
la



ORISCO

SÉRIE

MINDF*CK 1

S.T. ABBY
O RISCO
SÉRIE
MINDF*CK 1

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

pa
ra
le
la

AVISO DE CONTEÚDO SENSÍVEL:
AGRESSÃO FÍSICA E VIOLÊNCIA SEXUAL.

Para todo mundo que perdeu sua voz.
Para todo mundo que gostaria de ser Lana Myers.
Para todo mundo que ainda sussurra a respeito.
Para todo mundo que luta diariamente para esquecer. Você não está só.

~~Tim Hoover~~

~~Chuck Cosby~~

~~Nathan Malone~~

~~Jeremy Hoyt~~

Ainda faltam tantos nomes...

Einstein disse: “Os fracos se vingam, os fortes perdoam e os inteligentes ignoram”.

Foda-se. Einstein não acertou em tudo.

A vingança é um prato que se come frio... Com isso eu concordo. Significa que a pessoa esqueceu que você está vindo atrás dela, e seus gritos soam ainda mais belos quando chega a hora.

Amo a humanidade, porém odeio os humanos.

Albert Einstein

LANA

“Você está com cara de quem levou um bolo”, um cara diz enquanto tiro os olhos do meu celular, discretamente bloqueando a tela para garantir que ele não veja o que eu estava assistindo.

Arqueio uma sobrancelha enquanto o avalio. Bonito, vinte e poucos anos, sorriso arrogante, postura dominante... Mas ele definitivamente abordou a garota errada.

“Gosto de comer sozinha”, digo, mandando-o cair fora com um sorriso doce.

Ele não se toca, e seus olhos se estreitam em determinação. Machos alfa gostam do desafio. Eu deveria ter previsto isso.

“Meu nome é Craig. E o seu...?” Suas palavras ficam no ar enquanto ele me olha de cima a baixo. Continuo em silêncio e tomo um gole do meu café. “Se não me disser seu nome, vou ter que te chamar de ‘linda’.”

Que original.

A tentativa de me lisonjear é claramente amadora e certamente pouco refinada. Está na cara que ele se acostumou a conseguir o que quer sem muito trabalho, o que sugere também que nunca se esforça depois de conquistar o prêmio. Não me surpreende, levando em conta seu terno caro e seus atrativos.

Muitas mulheres ignorariam a arrogância, confundindo-a com atrevimento, possivelmente considerando-a um charme.

Mas eu sou a garota errada.

“Por que não me chama de ‘desinteressada’? Seria a descrição mais precisa da minha pessoa no momento”, digo enquanto me recosto na cadeira, totalmente relaxada e no controle.

“Você não deve ter dado uma boa olhada”, ele insiste, assumindo uma pose que não revela nada além de um babaca arrogante.

“Já vi o suficiente. Continuo não interessada.”

Sua expressão se fecha ao dar um passo para trás.

“Certo. Foda-se. Não quero correr o risco do meu pau congelar”, ele diz, antes de me dar as costas e se dirigir à mesa onde outro cara está sentado.

O sol não está forte hoje, por conta do céu nublado. Parece que vai chover, então somos alguns dos poucos clientes que optaram por se sentar na área externa do café. Embora os dois estejam a várias mesas de distância, dá para ver o amigo rindo e balançando a cabeça enquanto o sr. Babaca se joga no assento, ao mesmo tempo rabugento e abatido.

Volto a assistir ao vídeo no meu celular até que sinto alguém me olhando. O amigo do sr. Babaca nem disfarça quando levanto os olhos e o pego me observando. Ele não está me secando nem demonstrando interesse. É como se tentasse me entender, como eu mesma faço com os outros.

Ele também é bonito, mas seu terno não parece tão caro quanto o do outro cara. Eu arriscaria que os dois são colegas de trabalho, mas, se os dois fazem a mesma coisa, por que um se veste melhor que o outro? O amigo não parece ocupar uma posição subalterna, como talvez parecesse se estivesse abaixo do sr. Babaca na hierarquia da empresa. Será que eles são uma dupla, porém um

ganha mais do que o outro? Ou talvez o sr. Babaca venha de família rica e o outro não?

Deixo a ideia de lado e volto ao meu celular, fingindo nem notar seu escrutínio intenso. Depois de terminar meu café e me preparar para o Dia D, peço a conta.

“Já acertaram por você”, a garçonete diz, com um sorrisinho e os olhos vívidos. “E deram gorjeta”, ela acrescenta, com uma piscadela. “Uma bela gorjeta.”

Minhas sobrancelhas se erguem, e a garçonete acena com a cabeça na direção do amigo do sr. Babaca, que está indo embora. O sr. Babaca sumiu de vista.

“Ele pediu que eu agradecesse o entretenimento”, ela diz, enquanto o observa seguindo rumo a um SUV escuro e se abana de brincadeira.

“Obrigada”, digo, então me levanto e vou embora também.

O cara não veio com papinho, não ficou me encarando, não esperou para ver se eu iria atrás dele depois de ter minha conta paga. Não gosto quando alguém é legal comigo sem motivo. Dizer que o entretive não é o suficiente.

Mantenho os olhos fixos nele enquanto se demora junto ao carro, falando ao celular, embora não consiga ouvi-lo à distância. Agora vejo o sr. Babaca também, que está conversando com uma moça bonita perto de uma loja mais adiante. Ela parece muito mais interessada do que eu.

Decidida a matar a curiosidade, eu me aproximo e alcanço o cara quando ele está desligando o celular. Ele olha para mim e ergue as sobrancelhas quando lhe ofereço uma nota de vinte.

“Nunca deixo desconhecidos pagarem minha conta. Minha mãe me criou melhor que isso”, digo, insistindo que ele pegue a nota de vinte.

Seus lábios cheios se abrem em um sorriso lento, o que transforma seu rosto por completo. Seu cabelo loiro-escuro está despenteado de um jeito atraente, e não desleixado. Seu queixo forte e cinzelado contrasta com os olhos azuis suaves. Ele parece ao mesmo tempo gentil e feroz, o que só me deixa ainda mais confusa. Não consigo decifrá-lo.

“Foi um preço baixo a pagar pelo show que você deu. Valeu a pena, pode acreditar”, ele diz, dando de ombros e enfiando o celular e as mãos nos bolsos, de maneira a deixar claro que não vai aceitar o dinheiro.

Sou insistente, no entanto, e volto a oferecer a nota de vinte. “Eu ainda tenho minhas regras. Obrigada, mas passo.”

Seu sorriso se alarga. “Você sempre fica assim na defensiva?”, ele pergunta. “Está sempre preocupada com as intenções alheias? Ou é uma versão extrema do feminismo que te mantém sempre alerta a qualquer cara que faça algo tão desimportante quanto pagar por um café e um muffin?”

Ele está *mesmo* tentando me entender. Eu sabia.

De repente, o terno barato faz sentido, assim como o SUV escuro. “Você é do FBI”, digo, sabendo que não estamos longe da base em Quantico.

Seu sorriso volta a se alargar. “O que te faz pensar isso?”

“Pra começar, você está traçando o meu perfil, e sua roupa e seu carro sugerem algum trabalho nessa área. Seu amigo usa um terno caro para impressionar, enquanto o seu é mais discreto. Sua postura em relação a ele, o sarro que estava tirando, me leva a acreditar que vocês são pares, apesar de uma disparidade financeira. Então ele deve ter dinheiro de família, enquanto você deve ter subido na vida por mérito próprio. O SUV não é convencional. Os vidros são mais escuros do que o permitido por

lei, mas sei que o FBI recebe algumas concessões por questões de segurança. Estou certa?”

Odeio que ele continue a sorrir, como se tudo só o intrigasse mais, em vez de incomodar. Quero deixar o cara assustado.

“Você não é especialista em perfis comportamentais, não é do FBI nem das Forças Armadas”, ele diz, me deixando confusa. “Seu estilo é boêmio chique, o que significa que está mais preocupada com conforto do que com aparência. Você se sente sozinha por escolha e recusa atenção. À primeira vista, é feminista demais para o próprio bem. À segunda vista, é alguém de quem é difícil se aproximar, porque não costuma confiar em ninguém. Isso te impede não só de sair machucada, mas de ter qualquer pessoa na vida. O único momento em que se atreve a se perguntar como seria estar com alguém é à noite, quando fecha os olhos e se permite ser vulnerável.”

Engulo o nó que se formou na garganta. Ele acertou em cheio. Não deveria ser fácil assim me ler. Eu me esforço para evitar isso há anos.

“A julgar pela sua roupa, você não tem animal de estimação, ou tem algum que não solta pelo. Mas não acho que você se permita se apegar a um animal, sabendo que provavelmente viverá mais do que ele e terá que lidar com a perda. Você é distante por necessidade, e arrisco dizer que um sofrimento no passado te levou a isso. Uma perda, talvez. Talvez mais de uma. Talvez a vida tenha imposto essa solidão e você permaneceu solitária por escolha própria?”

Meu coração tamborila no peito, e eu recuo um passo, trêmula. Seu olhar se abrandava ainda mais.

“Desculpa. Fui longe demais. Perdão”, ele diz bem quando o sr. Babaca volta.

“Não perdi o jeito. Aquela outra que...”

Ele se interrompe quando me vê olhando nos olhos do sr. Observador. Eu me sinto exposta, vulnerável, fora da minha zona de conforto. Não estou acostumada com isso. Me esforcei muito para ser uma fortaleza indecifrável.

Ele acabou com a minha confiança ao atingir o nervo certo.

“Vai comprar água. A viagem é longa”, ele diz ao sr. Babaca, sem tirar os olhos de mim.

Não sei se o outro obedece ou não, porque estou ocupada demais fitando aqueles olhos azuis suaves que parecem verdadeiramente arrependidos.

“A vida é uma merda”, ele diz, do nada. “E no fim a gente morre. Então é melhor viver enquanto se tem a chance”, o cara acrescenta, parecendo muito menos sagaz do que agora há pouco.

É o bastante para quebrar a tensão, no entanto, e um sorriso inesperado me escapa. Ele dá uma piscadela e se inclina na minha direção. “Se precisar de ajuda para se sentir viva, me liga. Eu preciso me sentir um pouco vivo também.”

Quando o cara se afasta, sinto algo na minha mão, embora não tenha sentido algo sendo colocado ali. Ele dá a volta no SUV e entra, sob meu olhar atento.

Meus olhos se voltam para o cartão na minha mão enquanto o sr. Babaca retorna e se senta no banco do carona.

Logan Bennet.

Um número vem em seguida, e agora tenho certeza de que ele é do FBI. Quando levanto a cabeça, Logan me observa, debruçado sobre o volante. O vidro do carona desce, e o sr. Babaca parece irritado.

“Me liga”, Logan diz, sorrindo, depois sai com o carro.

A realidade é apenas uma ilusão, ainda que persistente. Foi

Albert Einstein quem disse isso. Meu pai sempre procurava explicar a vida com citações de Einstein quando tínhamos dificuldade de compreendê-la. Lembro que ele me disse isso quando nosso mundo ruiu. Meu pai estava muito pior do que eu, mas se esforçava ao máximo para me tranquilizar.

Agora, Einstein não está me ajudando a entender como fui decifrada com tamanha facilidade. Ou por que me sinto tão vulnerável e exposta neste momento.

O celular vibra na minha mão. Olho para a tela e percebo que é o alarme que programei.

Tenho que ser fria. *Preciso* ser fria. Qualquer outra coisa poderia abrir uma fissura na concha de que preciso para executar o plano no qual passei tanto tempo trabalhando.

Deixando a fraqueza residual de lado, solto o ar com força e vou até meu carro. Dirijo por vinte e quatro quilômetros, encontro a casa que estou procurando e sigo adiante. É só depois de estacionar em um celeiro abandonado que visto as luvas, a roupa e as botas masculinas pesadas. Também coloco as mochilas cheias de pedras, uma nas costas e outra na frente do corpo.

Discretamente, vou até a casa, abro a porta, tiro as mochilas em silêncio e as apoio com cuidado em uma cadeira.

Tudo de que preciso está na minha bolsa, então fico com ela. Tiro as botas e as deixo em cima da mochila.

Um movimento no andar de cima chama minha atenção. Vou até a escada devagar, mantendo os passos leves e silenciosos. Passei um mês examinando o piso, descobrindo cada ponto que rangia ou gemia.

Conheço sua rotina melhor do que a minha. É assim que sei que, em cinco segundos, ele vai ligar o chuveiro.

De fato, a água faz barulho ao passar pelo encanamento velho da

casa. Aproveito para subir a escada, ignorando os ruídos, porque sei que não dá para ouvir nada do banho.

Quando chego ao quarto, meus olhos correm para a cama. Sei que ele é solteiro, mas sempre me preocupo com a possibilidade de me deparar com uma mulher. Não havia mais ninguém na casa quando verifiquei as câmeras no celular, mas a ideia não me sai da cabeça.

Solto o ar aliviada quando não encontro nenhum sinal de que mais alguém passou a noite aqui. Só Ben e sua casa bagunçada de sempre.

O chuveiro é desligado. Já estou posicionada, pronta e aguardando. Minha vida seria mais fácil se eu pudesse usar uma arma de eletrochoque ou sedativos. Muito mais fácil.

Assim que Ben entra com a toalha enrolada na cintura, pego a faca e abro um corte em seu calcanhar de aquiles. O grito perfura meus ouvidos, e eu constato que o momento de fraqueza com o sr. Observador não afetou a beleza do som.

Eu trabalhei por isso duro demais, por tempo demais, incansavelmente demais. Claro que um único cara não tiraria meu foco.

Ben vai ao chão, agonizando, e leva as mãos ao pé. A toalha cai, deixando cada centímetro de seu corpo exposto.

Meu estômago se revira.

Mas o medo em seus olhos? Isso me dá um barato.

“Que porra é essa? Leva o que você quiser!”, ele grita quando eu me aproximo, soluçando, o medo visível em seus olhos arregalados.

Eu curto o medo. Quero que ele chore muito, muito mais.

“O que eu quero é que você saiba meu nome”, digo, em uma voz baixa e sinistra.

Seus olhos se arregalam ainda mais, e ele fica branco quando ergo a faca ensanguentada e passo um dedo pelo lado cego da lâmina.

“Não, por favor”, Ben implora, tentando, sem sucesso, se levantar.

Ele bateria em mim se tivesse a chance. Não posso cometer a tolice de me aproximar agora.

Tiro o cabo do meu bolso de trás e fico olhando para ele, que fica olhando para mim.

“Não está me reconhecendo, Ben?”, pergunto, com a cabeça inclinada, zombando dele. Dez cirurgias atrás, Ben talvez me reconhecesse imediatamente.

“Não. Não”, ele grita. “Não te conheço. Você pegou a pessoa errada!”

Eu me agacho e percebo a mudança em seus olhos. Agora que estou nessa posição, Ben se prepara para me atacar. Acha que é um erro da minha parte, que estou vulnerável.

Se ao menos ele soubesse...

“Da última vez que você me viu, eu era uma garotinha de dezesseis anos”, explico, com um sorriso sombrio. “Agora cresci. *Quer brincar?*”

O reconhecimento vem com as duas últimas palavras. Percebo isso pela maneira como suas pupilas se dilatam, suas narinas se abrem. A compreensão se espalha por suas feições.

“Você”, Ben sussurra. “Não. Não. Você não tem nada a ver com ela. Ela morreu”, ele acrescenta, no mesmo tom.

“Sobrevivi”, digo, e vejo seu medo se desvanecer, como eu sabia que aconteceria.

No momento, Ben está se lembrando de como eu era fraca. Uma menina aterrorizada, chorando aos soluços. Ele está se lembrando da facilidade com que me dominou. Sua mente o engana, fazendo-

o acreditar que está no controle, apesar de sua situação precária, do perigo mortal.

“Você foi três vezes”, prossigo, mantendo-me firme, pronta, mas exibindo uma fraqueza que não é minha, permitindo que sua mente se concentre naquela noite, dez anos atrás.

“Então são três libras de carne nos próximos três dias”, prossigo.

Eu vejo acontecer antes mesmo que ele se lance sobre mim, gritando de dor, tentando me derrubar. Minha faca acerta seu ombro, e outro grito de gelar o sangue irrompe no ar, enquanto eu me viro, de joelhos, e fico atrás de Ben, que cai de cara no chão.

A faca continua na minha mão, e eu a arranco em um piscar de olhos. Quase ao mesmo tempo, passo o cabo em seu pescoço e o enrolo firme. Então o estrangulo e me refestelo com os ruídos de dor, até que seu corpo fica flácido e ele perde a consciência, no limiar entre a vida e a morte. A perda de sangue deixa Ben fraco demais para reagir. Seria fácil matá-lo agora.

Mas a morte não virá tão rápido.

Não acredito em misericórdia.

Três libras de carne serão extraídas com Ben acordado.

Ele vai implorar e suplicar.

Vai rezar para desmaiar.

Mas vai sentir tudo.

Como nós sentimos.

2

Como seres humanos, fomos dotados apenas de inteligência o bastante para sermos capazes de ver com clareza quão insuficiente essa inteligência é quando confrontada com o que existe.

Albert Einstein

LOGAN

Termino meu croissant enquanto vejo as fotos da cena sangrenta do crime.

O sangue foi espalhado pelas paredes com um pincel, como nos outros quatro casos que conseguimos conectar. Esse é um dos únicos pontos de consistência. O criminoso sempre pinta uma parede de vermelho com o sangue da vítima.

“Como você consegue comer vendo isso?”, Elise pergunta, franzindo o nariz e se sentando na beirada da minha mesa.

Ignoro sua pergunta e faço outra: “O que descobriram sobre Ben Harris?”.

“O legista estima que foram pelo menos três dias de tortura. O cara teve algumas partes cortadas, como os outros. Incluindo o pênis”, ela diz e suspira.

Isso me faz estremecer, como qualquer homem. Então uma das imagens que vi era de um pênis decepado?

“Os dedos foram cortados”, Elise prossegue, apontando para uma foto com dez dedos no chão. “O peito foi arrancado lentamente,

pedaço a pedaço. O criminoso estancava o sangramento usando um método bárbaro de cauterização. Ele queria a vítima viva por esses três dias. Parece que o pênis foi o último pedaço a ser cortado. Foram encontradas marcas de estrangulamento outra vez, e havia correntes penduradas nas vigas do porão. Acreditamos que o criminoso tenha deixado a vítima pendurada na própria casa, como costuma fazer. Até agora, todos os homens viviam em lugares isolados, sem vizinhos que pudessem ouvir ou ver alguma coisa.”

E o criminoso não está ficando descuidado. Seus ataques são controlados, bem planejados e meticulosos, mesmo que não compreendamos os detalhes.

“Deve ser uma mulher, considerando a mutilação genital em todos os casos”, Craig diz, juntando-se à conversa. “Só uma mulher suportaria cortar um pau.”

“As estatísticas apontam que serial killers mulheres não torturam. Por causa disso, elas são muito mais eficientes e difíceis de rastrear”, Elise diz, sem dar crédito a ele.

“Bem, ele deve ser impotente. A maioria dos serial killers é”, Alan diz, também juntando-se a eles.

Não é à toa que ele e Craig não são especialistas em perfis.

“Acho que ele está mais para sádico sexual”, Elise opina. “A impotência provavelmente desempenha um papel, mas ‘impotente’ não é um perfil.”

“E sádico sexual impotente?”, Craig pergunta, confuso.

“Sádicos sexuais com frequência são impotentes e buscam alívio sexual através da tortura. Não foram encontrados sinais de estupro, mas é provável que o criminoso ainda esteja desenvolvendo a confiança necessária para estuprar.”

“Então um sádico sexual gay?”, Craig insiste, cada vez mais perdido.

“Isso”, Elise diz, assentindo.

“Todas as vítimas eram homens hétero, de acordo com testemunhas. Essa teoria faria mais sentido se eles fossem gays”, interrompo. “Eram todos da mesma cidade, mas ninguém conseguiu apontar alguém com motivo para matar os cinco. Estamos deixando passar alguma coisa, tenho certeza.”

“As pegadas deixadas na terra do lado de fora da casa são de botas tamanho quarenta e quatro. A pegada é sólida, do calcanhar à ponta dos pés. Os especialistas calcularam que o criminoso pesa entre noventa e cinco e noventa e sete quilos”, Elise anuncia.

“Ele deve estar em forma, para conseguir dominar as vítimas como fez. E deve ser bem forte. Vence os caras com força bruta. E estava matando apenas machos alfa, esse parecia ser seu alvo. Só que Ben, embora fosse forte e estivesse em forma, era bastante submisso no trabalho. Por isso seu sucesso: ele gostava de seguir o fluxo em vez de assumir o controle.

“O último assassinato faz sadismo sexual ser o mais provável. Pode haver um gatilho para a frustração sexual, que talvez ajude a estreitar a busca. E precisamos ajustar o perfil. O que mais sabemos sobre as vítimas?

“Os caras estavam todos entre os primeiros da turma na universidade, mas tinham idades diferentes, variando dos vinte e três aos vinte e oito anos. As únicas ligações entre eles são a cidade e a casa isolada. Eles não mantiveram contato, embora fossem todos conhecidos quando moravam na cidade. É possível que o criminoso odeie a cidade inteira, mas por quê? Seria vingança?”

“Talvez”, digo, mais para mim mesmo do que para Elise.

Uma morte em Boston. Uma morte em Denver. Uma morte em Long Island. Uma morte no Maine. E agora uma morte bem aqui

na Virgínia, no nosso quintal. O cara está em todo lugar, cagando para um padrão de caça normal.

Pareceria tudo aleatório se não tivéssemos percebido que todos eram da mesma cidade. Eles não haviam estudado na mesma escola, no entanto. Três eram de um colégio particular, duas cidades adiante. Então não podia se tratar de uma antiga rixa, principalmente considerando a diferença de idade entre eles, o que os coloca em séries diferentes.

“Não houve nenhum assassinato na cidade”, lembro. “Se fossem apenas duas vítimas, eu diria que é coincidência. Mas agora são cinco. O que sabemos sobre a cidade?”

“Que é pequena. Muito pequena. Tem quinhentos habitantes. Não houve nenhuma notícia interessante nos últimos três anos. Só um lobo que atacou um homem na propriedade dele. A população é bastante religiosa.”

“Cidadezinhas interioranas com população religiosa são reconhecidamente difíceis para homens gays. Quero que você e Leonard viajem para lá e descubram o que puderem. Perguntem sobre um homem em forma, com mais de um e oitenta, entre vinte e trinta e cinco anos, que possa ser gay ou que tenha demonstrado interesse por homens. Considerando o aspecto religioso, duvido que ele tenha saído do armário. Perguntem se alguém parecia em conflito ou tinha um tique nervoso depois de qualquer tipo de contato com um homem bonito. Até agora, todas as vítimas foram homens em forma, solteiros, atraentes e muito promíscuos. É possível que o criminoso tenha sentido algo por eles em algum momento e se vingado porque não era recíproco.”

Franzo os lábios, me perguntando o que estamos deixando passar. O perfil parece sólido, os indícios o sustentam, mas algo não se encaixa. Deveríamos ter relacionado as mortes antes, porém como

elas ocorreram em diferentes estados só nos demos conta duas semanas atrás, ou seja, duas semanas após o quarto crime.

“Devo acrescentar mais alguma coisa ao perfil antes de entregar à polícia local?”

“Sim”, digo, endireitando o corpo enquanto avalio as fotos. “O criminoso conseguiu entrar nas casas sem deixar sinais de arrombamento. Ou as vítimas o conheciam e confiavam nele o bastante para deixar que entrasse, ou não trancavam a porta. Então diga à polícia que o criminoso precisaria ter certa proximidade das vítimas para que esse tipo de relação se estabelecesse. E já descobrimos o que está sendo levado como troféu? O criminoso tem um apego pessoal às vítimas, e cada morte é uma fantasia sádica sendo levada a cabo, embora o estupro ainda não integre essa fantasia. Está claro que ele obtém prazer na tortura, porém dado o longo intervalo entre as mortes o criminoso precisaria de algo a que se agarrar. Só pode ser algum troféu.”

Um mês entre uma morte e outra. Esse intervalo não mudou, e não parece que o criminoso esteja perto de errar ou que vá errar um dia. Eu estava torcendo para que ele perdesse o controle e começasse a pisar em falso logo.

“Verificamos todos os corpos. Não é levada pele, o cabelo permanece intacto. Não parece faltar nenhum tipo de joia ou item pessoal. Mas é claro que não podemos ter certeza disso, porque as vítimas moravam sozinhas e não há quem possa confirmar o desaparecimento de algum pertence.”

Tem algo que não estamos enxergando, droga. Isso me deixa louco.

“Vá para casa. Você passou a noite toda aqui”, Elise diz, colocando a mão no meu ombro. “O cérebro funciona melhor descansado.”

“Vão fundo no passado da cidade. Aconteceu algo lá que ainda

não sabemos e...”

“Vai descansar”, ela me interrompe. “Sei como fazer meu trabalho. E você vai ser inútil se não dormir.”

Xingando, eu me levanto, fecho a pasta do caso e começo a arrumar minhas coisas. Elise e Leonardo partem para Delaney Grove, no norte. É um nome estranho para uma cidade, e sei que vou ter que vê-la com meus próprios olhos para obter respostas.

Quando estou chegando à porta, Craig me alcança.

“Aquela garota frígida chegou a te ligar?”, ele pergunta, soando entediado. Mas sei que Craig ainda está puto porque ela deu um fora nele e veio atrás de mim. Só que o cara está considerando a coisa toda fora de contexto e se recusa a encarar como os eventos realmente aconteceram.

Por isso Craig não serve para traçar perfis. Por outro lado, é um ótimo relações-públicas, e essa é sua função na equipe.

Abro a boca para dizer que *não*, sabendo que ele vai adorar e se sentir vingado, porém meu celular toca. Franzo a testa para o número não identificado, mas atendo.

“Bennett falando”, digo.

“Você diz seu sobrenome quando atende o celular, como se a pessoa do outro lado pudesse não saber pra quem acabou de ligar. É um cumprimento bastante impessoal, que me faz imaginar que você também lida com o desapego, agente Bennett”, uma voz feminina familiar diz.

Um sorriso me vem imediatamente, e dou uma piscadela para Craig, que continua me observando, ainda à espera de que eu dê um fim ao seu sofrimento.

“Então você esperou os três dias padrão para me ligar?”

“Na verdade, esperei quatro dias, o que não é nada padrão.”

Verdade. Não preguei o olho desde que a última vítima foi

descoberta, ontem de manhã. Estou funcionando à base de cafeína e açúcar.

“Desculpa. Passei a noite toda acordado. Pra mim, só é um novo dia depois que durmo, então continuo no terceiro dia. Vou ter que esperar mais quatro dias para você me ligar de novo ou posso usar esse número quando eu quiser?”, pergunto. Craig geme, bufa e sai da minha frente, de cara feia.

“Por que você passou a noite toda acordado?”, ela pergunta, em vez de me responder.

Uma reação típica de alguém que lida com o desaparecimento.

“Trabalho. Me faz perder muitas noites de sono e passar bastante tempo na estrada. Acho que é melhor te contar isso agora, antes de te convidar para um encontro que talvez tenha que cancelar por causa do trabalho.”

Decido revelar tudo de cara, porque sei que ela é arisca e desconfiada. Assim que a decifrei, ela passou de fria a assombrada, e seus olhos verdes ficaram gravados na minha memória.

Com a guarda baixa, ela pareceu perdida e quase preocupada com a possibilidade de se machucar só de falar comigo. Talvez seja meu complexo de herói, mas isso me atraiu imediatamente.

“Bom saber. Também perco bastante coisa e tenho horários estranhos.”

Meu sorriso apenas se alarga com aquela abertura.

“O que você faz?”, pergunto.

Ela dá uma risadinha, que é uma delícia de ouvir. Não combina com ela. É uma risada fácil, livre, que não parece ser da garota com quem falei dias atrás.

“Tenho uma loja on-line de compra, venda e troca. Levo uma porcentagem das transações e recuso aquelas que parecem boas demais para ser verdade. Por exemplo, às vezes preciso viajar no

meio da noite para a Flórida se tem alguém lá tentando trocar um iate de um milhão por um carro de dez mil. Só posso aprovar um negócio desses depois de inspecionar pessoalmente a mercadoria e conferir a papelada. No caso das vendas, posso reter o pagamento até que o que quer que seja chegue a quem compra. Só que as trocas precisam ser feitas pelos clientes. Sou apenas uma intermediária que ocasionalmente faz inspeções.”

Ouvi-la falar com tranquilidade não bate com seu perfil. Eu a descrevi como distante e na defensiva, e não como alguém com quem é fácil lidar. Talvez o cansaço esteja me fazendo interpretar como tranquilidade o que na verdade é fruto de esforço.

“Parece divertido”, digo, como um bobo. De novo, culpo a privação de sono.

“Nem sempre é. Uma vez, tive que vistoriar uma daquelas bonecas ‘reais’, sabe? Tipo as infláveis, só que melhores. Custam uns cinco mil, e o cara queria trocar por um pônei. Não vou nem entrar no que mais me preocupou nessa troca.”

Uma risada me escapa antes que eu possa impedir, e sei que ela sorri.

“Foi a coisa mais difícil que você já teve que vistoriar?”

“Ainda que examinar a vagina de uma mulher sintética com sucção em *todos* os orifícios não tenha sido o ponto alto da minha carreira, também não foi o mais estranho.”

Volto a rir, enquanto me pergunto como sua postura passou de defensiva a encantadora nesses quatro dias.

“Então qual foi?”, pergunto.

“Você primeiro. Qual foi o caso mais esquisito em que já trabalhou?”

Penso a respeito, enquanto entro no carro. A maioria dos casos em que trabalho são sérios, violentos, sádicos. Quando eu estava

começando, no entanto...

“Fui recrutado quando estava na faculdade, depois de ter feito uma prova que eu nem sabia que era para o FBI. Decidiram que devia trabalhar para eles, e eu não vi por que recusar. Bom, me deram um primeiro caso em Indiana, de um cara que colecionava calcinhas. Imaginavam que se tratava de um perverso que depois incorreria em crimes piores. Por isso chamaram o FBI. As mulheres estavam morrendo de medo de que um stalker entrasse na casa delas e roubasse sua lingerie. Quanto mais eu mergulhava no caso, no entanto, mais certo ficava de que se tratava de um adolescente. O motivo ainda me parecia ser fantasias sexuais, porém depois descobrimos que o garoto não roubava para ele, mas para a mãe, que sempre reclamava das ‘calcinhas baratas que entravam na bunda’. Você nem imagina como a mulher ficou horrorizada quando tudo veio à tona. O filho ainda não tinha dado as calcinhas pra ela. Estavam todas em uma caixa, porque seriam presente de Natal.”

Ela parece ficar surpresa, então ri, e eu relaxo no banco do carro enquanto saio de Quantico e pego a estrada em direção à minha casa.

“Deve ter sido constrangedor. Mas pelo menos o garoto não era um depravado.” Há um toque de tensão em sua voz, então eu bocejo, e ela pigarreja. “Você parece mesmo cansado. É melhor eu desligar.”

“Estou indo para casa. Tenho meia hora. Me faz companhia.”

“Hum, então você ainda precisa que eu sirva de entretenimento.”

Meu sorriso se alarga. “Eu pediria mais que uma conversa interessante, mas preciso voltar assim que tirar um pouco do atraso do sono. Teve uma reviravolta em um caso, então estou lotado de trabalho.”

“Hum, e o que você pediria, se pudesse?”, ela pergunta, e parece estar dando em cima de mim, o que contradiz a postura defensiva de dias atrás.

“Um jantar. Talvez até um filme, se o jantar corresse bem e eu não identificasse nada que me fizesse fugir.”

Ela dá uma risadinha. “E o que te faria fugir? Sou curiosa e tal.”

“O de sempre. Comer meleca. Beber xixi. Um fetiche de me comer com cintaralho. Não curto nada disso.”

Ela ri com mais vontade agora, e eu ficou ouvindo, absorvendo o som. Não sei por que fazê-la rir parece uma conquista. Algo me diz que não acontece com frequência.

“Bom, não tenho o costume de comer caca de nariz. E beber xixi nunca me apeteceu. Se estiver a fim de algo do tipo, uma cerveja resolve. Também posso esconder meu cintaralho até que você se sinta confortável o bastante com sua sexualidade a ponto de experimentar.”

“Atacando minha sexualidade. Boa”, digo, seco, mas sorrindo, então ouço outra risada. “E como é que você traça o perfil das pessoas?”, pergunto, depois que ela para de rir.

“Como eu traço ou por que eu traço?”, ela pergunta.

“As duas coisas.”

“Bom, ao vivo, eu me baseio principalmente na linguagem corporal e nas microexpressões, claro. Por escrito, presto atenção na escolha de palavras. No telefone, noto o tom e, de novo, as palavras. Faço isso por causa do site que eu mencionei. Tenho que saber diferenciar os mentirosos dos usuários honestos.”

“Você toca o site sozinha?”, pergunto, atrás de informações mais pessoais.

“Tenho um sócio. Ele cuida da parte técnica e desenvolveu um programa que acusa contas que podem ser falsas. Isso poupa

bastante trabalho, mesmo a gente tendo que verificar essas contas pessoalmente.”

“E esse sócio é apenas um amigo?”, pergunto, indo mais fundo.

Ela hesita, mas parece achar graça. “Se está perguntando se sou solteira, a resposta é sim. Sou solteira há um tempo. Eu não teria te ligado e ficado de papinho se estivesse com outra pessoa.”

“Bom, então que pena que não posso te levar para sair esta noite, antes que você se canse de esperar que eu tenha um segundo livre. Vou ter que fazer hora extra, atrás de alguma pista. Mas se topar um café, posso te encontrar naquele mesmo lugar quando estiver voltando para o trabalho. Que tal umas cinco?”

“Prefiro tomar café pela manhã, mas você pode me pagar um muffin. Os de lá são ótimos.”

“Café pela manhã”, repito, sorrindo. “Anotado.”

“Você está dando em cima de mim, agente Bennett?”

“Talvez um pouco. E você vai me dizer seu nome um dia?”

“Ah, é verdade. Você não sabe meu nome. Não sabe que não se deve falar com desconhecidos?”

“Tenho total consciência disso. Ganho a vida traçando o perfil de serial killers.”

Essa garota tem olhos assombrados, e quando brinco é melhor ser cauteloso. Estou certo de que ela saber que sou do FBI a tranquiliza. Ela deve imaginar que agentes da lei são boas pessoas, com boas intenções. O que indica que nunca teve problema com a lei ou qualquer contato com agentes da lei.

“Serial killers?”, ela repete, um pouco hesitante, o que me lembra do que acabei de dizer.

“Criminosos em série. Fui promovido de ladrões de calcinhas em série a serial killers. Espero que isso não seja um problema. Já tive dificuldade de manter relacionamentos por causa disso.”

Ela pigarreia. “Hum, não é um problema. Mas você não deveria omitir esse tipo de coisa de desconhecidos?”

“Não é confidencial. Já dei entrevista no noticiário uma ou duas vezes. Fora que prefiro que não sejamos mais desconhecidos. Então qual é o seu nome?”

Ela fica em silêncio por mais tempo do que eu gostaria. Sei que acertei e errei em seu perfil, mas não em que nível. É melhor nem me dar ao trabalho de tentar adivinhar o motivo do silêncio.

“É Lana. Lana Myers. Sinta-se livre para me investigar, sr. Observador.”

O tom leve está de volta, e eu entro na rua de casa.

“Prefiro que você me surpreenda, Lana Myers. Farei apenas uma verificação de antecedentes não invasiva para garantir que você não é uma criminosa ou fugitiva. Isso pode ser um problema, considerando meu trabalho”, digo, com uma risadinha.

Ela também ri, depois suspira. “Então café mais tarde?”, pergunto.

“Só muffin, lembra?”

“Verdade. Desculpa. Privação de sono.”

“A gente se vê mais tarde, agente Bennett.”

“Com certeza”, eu digo, bocejando, enquanto entro na garagem de casa.

Ela desliga, e mando seu nome por mensagem para Hadley.

HADLEY: O que devo procurar?

EU: Só a ficha criminal.

HADLEY: Feito. Ela não tem.

EU: Que rápido.

HADLEY: Foi o que ela disse, haha.

Rindo, guardo o celular e entro. Minha cabeça está cansada, porém não paro de repassar os fatos do caso. Continuo pensando no que não estamos vendo.

O criminoso tortura as vítimas por dias, porém não necessariamente pelo mesmo tempo. Desta vez, foram três dias. Nas primeiras duas, dois. A terceira e a quarta, quatro. A falta de consistência não faz sentido, assim como os pedaços de carne arrancados. É sempre diferente, a não ser pelo pênis. Às vezes, todos os dedos são cortados. Às vezes, não.

Minha casa está vazia e silenciosa, até assustadora, considerando o caso em que estou trabalhando. Todas as vítimas são um reflexo de mim mesmo. Solteiro. Sozinho. Em forma. Morando afastado. Viciado em trabalho.

Os vizinhos mais próximos ficam um quilômetro e meio adiante na estrada.

Dias se passam sem que se perceba que as vítimas desapareceram. Todos ligam para o trabalho. Imaginamos que se trate de uma gravação, porque as palavras usadas são sempre as mesmas. Nenhuma empresa tem o registro das ligações, obviamente, então precisamos confiar na memória de quem as atende.

O último corpo só foi encontrado porque um colega foi tentar descobrir por que o cara não havia aparecido no quarto dia e nunca ligou avisando.

Me deprime saber que ninguém fora do trabalho percebe que esses caras desaparecem. O mesmo aconteceria comigo.

Por hábito, passo os olhos pela casa, procurando qualquer coisa fora do lugar. Quando me asseguro de que não mexeram em nada, deixo a arma de lado, programo o despertador para tocar e me deito.

Fecho os olhos e fico esperando ver as imagens de cadáveres de sempre.

Em vez disso, eu me perco no par de olhos verdes assombrados que verei mais tarde.

Quando se está cortejando uma moça gentil, uma hora parece um segundo. Quanto se está sentado sobre brasas incandescentes, um segundo parece uma hora. A relatividade é isso.

Albert Einstein

LANA

Já passam das cinco quando começo a olhar para o relógio e me perguntar se desta vez levei mesmo um bolo. Não sei o que me fez ligar para ele, ficar de papinho, concordar em sair. Talvez uma necessidade de me sentir menos como um monstro frio e mais como uma mulher.

Eu sobrevivi. Outros morreram.

Eu sobrevivi, mas me sinto morta.

Talvez eu queira me sentir viva, considerando que meu tempo pode ser limitado. Eu deveria valorizar cada momento... isso quando não estou cobrando dívidas atrasadas. Não é exatamente romântico pensar em um cara enquanto se está mutilando outro, mas Logan esteve na minha cabeça nos três dias que passei coletando a dívida de Ben.

E não nos recantos sombrios da minha mente, reservados à vingança. Não. Logan dominou as partes boas, que eu pensava que nem existiam mais. Ele acendeu uma luz há muito apagada, como se nem tudo de positivo em mim tivesse sido destruído.

Quando estou prestes a lhe mandar uma mensagem perguntando se está tudo bem, um corpo se senta na cadeira à minha frente e meus olhos se arregalam diante de um par de olhos azuis suaves. Eu poderia ficar o dia todo fitando-os. E o resto dele está à altura dessa perfeição.

Logan é o pecado e o prazer em um único pacote, que fico tentada a abrir.

“Mil desculpas”, ele diz, fazendo sinal para a garçonete. “Peguei trânsito. Tive até que abusar do meu poder e ligar a sirene do carro.”

Meu sorriso me surpreende sempre que ele me obriga a usá-lo. “Tudo bem. Só fiquei preocupada”, minto. Mais ou menos. Eu estava preocupada com ele, mas também preocupada com a possibilidade de ter levado um bolo.

Ele abre um sorriso genuíno e instantâneo quando constata que não estou puta. Então a garçonete aparece, interrompendo os dois idiotas sorrindo um para o outro.

Sinceramente, não consigo me lembrar da última vez que senti esse frio na barriga. Eu ainda era uma adolescente quando minha vida foi destruída e a ilusão da normalidade se desfez para sempre.

Não me sinto assim humana em muito tempo. E é só um café a caminho do trabalho.

Fazemos o pedido, e a garçonete se afasta depois de olhá-lo rapidamente de cima a baixo e me oferecer uma piscadela, como se aprovasse. Não que eu precise de sua aprovação.

“Então... o que fez você concordar em sair comigo?”, Logan pergunta, indo direto ao assunto. Imagino que seja uma boa ideia, já que não temos muito tempo. Sem mencionar que o cara ganha a vida interrogando as pessoas, então, para ele, essa deve parecer uma maneira natural de começar um encontro.

Decido não contar que Logan faz com que eu me sinta uma mulher em vez do monstro que precisei me tornar, porque ele acabaria me trancafiando e jogando a chave fora.

“O que fez você me convidar para sair?”, rebato.

Ele sorri ainda mais. “Você está se esquivando, mas tudo bem. Fiquei pensando em você. Agora é sua vez”, Logan diz, apoiando os cotovelos sobre a mesa.

“Andei pensando em você também.”

“Ah, isso não vale. Você não pode ficar só repetindo o que eu digo e não revelar nada. Isso é comum em quem tem personalidade desapegada.”

“Para de traçar meu perfil”, digo, com um sorriso provocador, mas querendo mesmo que ele pare.

E se Logan vir demais? No que eu estava pensando? Esse é o pior encontro do mundo para mim.

Finalmente conheço um cara que quero ver, talvez até sair, e é justamente o único capaz de me ler?

Logan me avalia com intensidade demais, mas continuo sorrindo, enquanto torço para que não pareça forçado.

“Males do ofício. Não posso evitar. Até queria, mas não posso.”

Ótimo.

Ele continua aguardando uma resposta diferente, e eu fico pensando em como responder de outra maneira. Como uma mulher normal reagiria? Ficaria toda empolgada com o distintivo e as habilidades dele? Ficaria ofendida por Logan ter confessado estar traçando meu perfil, por ter sua privacidade desrespeitada? Não faço ideia.

“Isso costuma afetar seus relacionamentos amorosos?”, pergunto, optando por não reagir e manter minhas expressões mascaradas.

Ele geme, balança a cabeça e se recosta. “Mais do que gosto de

admitir. As mulheres preferem me dizer como se sentem em vez de ouvirem de mim. Já tentei parar, mas não consigo. Você pode fingir que é uma excentricidade minha. Fiquei esperançoso com você, que parece fazer a mesma coisa.”

Seus olhos encontram os meus e parecem mesmo esperançosos. Logan tem razão. Eu faço isso também. Por motivos completamente diferentes, porém.

Ele serve à justiça o melhor possível.

Eu sirvo à vingança como é preciso.

“E sua vida amorosa, como anda?”, Logan pergunta, voltando a bisbilhotar.

Cheia de teias de aranha, penso, porém sei que não é a resposta mais apropriada.

A garçonete chega com nosso pedido. Tento pensar no que dizer enquanto espero ela se afastar.

“Meio parada no momento.”

“Ui”, ele diz, mas sorri.

“Bom, não neste exato momento”, digo, sentindo um sorriso tolo e incontrolável se abrir de novo.

“Me conta sobre você.” Logan me incentiva com uma das mãos enquanto usa a outra para levar o café aos lábios.

“Tenho vinte e seis anos. Sou nova aqui. Estou sempre me mudando. E tenho um estranho interesse em meias. E você?”

Ele franze a testa, como se algo não lhe agradasse.

“Você está sempre se mudando?”, Logan pergunta, sem responder.

Parece que esse é o nosso lance. Evitar perguntas com novas perguntas.

“Estou. Já morei em quase trinta estados. Minha infância foi meio chata. A gente sempre morou na mesma cidade, um lugar

minúsculo, onde todo mundo sabia tudo sobre todo mundo. Depois que meus pais morreram, só piorou. Aí comecei a me mudar, tentando encontrar um lugar em que me sinta em casa.”

“E está gostando daqui?”, ele pergunta, pigarreando.

“Talvez”, digo, dando de ombros.

Mal o conheço, então dizer que ele é a primeira coisa que chamou minha atenção seria ir longe demais.

“Então seus pais...” Ele deixa o fim da frase no ar, parecendo relutante em perguntar diretamente o que quer saber.

“Acidente de carro”, minto um pouco, com um sorriso forçado.

“Sinto muito”, Logan diz e suspira.

“Faz anos. Agora, e você?”, digo, desesperada para mudar de assunto.

Seu sorriso não chega aos olhos. “Tenho vinte e nove anos. Moro em uma casa em um lugar tranquilo. Era do meu padrasto, que a deixou para mim antes de morrer. Minha mãe mora em Miami, com o novo marido. Então vivo sozinho.”

“E o seu pai?” Percebo tarde demais que não deveria me intrometer se não quero que ele se intrometa também.

Mas nenhum de nós tem a chance de ir além.

O celular de Logan toca, desviando sua atenção. Um suspiro sugere que nossa conversinha acabou.

“Merda”, ele diz, baixo, o que faz meus lábios se retorcerem.

É uma palavra inofensiva, mas eu estava começando a me preocupar que ele fosse certinho demais.

Seus olhos procuram os meus. “Odeio ir embora assim rápido, mas...”

“Não tem problema”, eu o interrompo, ignorando uma pontada de decepção.

Logan pega uma nota de vinte, mais do que o suficiente para

cobrir a conta, que deve ter ficado em cerca de dez dólares.

“Sinto muito mesmo”, ele insiste, e xinga baixo ao se levantar.

Eu me levanto também, criando certo desconforto, porque não sei se devo abraçá-lo, tocá-lo ou acenar, como uma boba.

Aceno, como uma boba.

Aff.

Ele abre um sorriso torto e arqueia uma sobrancelha para mim. “Posso te ligar depois?”, pergunta, e seu sorriso se alarga.

Estou ocupada me sentindo uma idiota, então só faço que sim. Não acho que minha boca será capaz de algo mais inteligente do que o aceno incrivelmente desconfortável que continuo fazendo. É como se minha mão tivesse perdido o contato com meu cérebro e não pudesse parar de se movimentar.

Agora alguém liga para ele, que se vira e se afasta antes de atender. Volto a me sentar, me perguntando como planejar um assassinato brutal pode ser mais fácil que sair com um cara.

O mundo é uma puta de uma zona.

4

Força sempre atrai homens de pouca moral.

Albert Einstein

LANA

LOGAN: Carne. Vou te levar pra comer carne. Talvez até lagosta. Você gosta de carne vermelha e frutos do mar?

Sorrio quando vejo a mensagem totalmente aleatória que Logan me mandou. Fui bem desajeitada ontem, mas depois ele me ligou e me fez esquecer minha falta de tato para a coisa, porque nem parecia se importar. Na verdade, talvez estivesse até mais intrigado comigo.

EU: Sim para os dois. Também gosto de vinho, só pra você saber.

LOGAN: Vinho, anotado. O que vai fazer hoje? Alguma chance de rolar outro café? Ou outro muffin?

Termino de esconder a última câmera sobre a porta. Entrar não foi fácil porque Tyler, ou sua esposa, sempre trancam a porta quando chegam ou saem. Porém consegui me esgueirar e deixei uma janela aberta para mais tarde.

Eles não têm sistema de segurança. Só um dos meus alvos tem. Jake vai ter que dar um jeito nisso. Ele é um amigo de verdade. Quantas pessoas você acha que te ajudariam a não ser pega depois de ficar sabendo que você quer vingança e ouvir seus planos?

Pego o celular e mando uma mensagem para Logan, estranhando como me tranquiliza ter uma conversa normal em meio a minhas tramas.

Talvez eu seja mesmo uma psicopata.

EU: Hoje não dá. Estou numa inspeção do trabalho. Só volto amanhã.

Não é totalmente mentira. De fato fiz uma inspeção... só que na mesma cidade.

A esposa de Tyler está em uma conferência, o que me deixa com bastante tempo para conhecer a casa deles.

O piso é novo, como tudo na casa. Saber que não vai ranger é uma bela ajuda. Meu celular vibra no bolso enquanto avanço pelo corredor, em busca de qualquer coisa que possa ser um problema.

LOGAN: Amanhã estarei fora da cidade. Tenho mais de um caso nas mãos.

As pessoas não param de matar outras pessoas.

A ironia não me passa despercebida.

Somos tão errados um para o outro que nem tem graça.

Se ele tivesse visto as coisas que eu vi, entenderia por que algumas pessoas merecem morrer.

EU: Você já teve que matar alguém?

Imagino que não seja a melhor pergunta a fazer a um cara com quem você só tomou um café. Nem sei se isso conta como sair com alguém.

LOGAN: Várias vezes. Nem todos os casos terminam com o criminoso preso, infelizmente.

Bom, se ele matou várias pessoas da mesma maneira, usando o mesmo método e o mesmo raciocínio... teoricamente, também é

um serial killer. É o que diz a lógica. Tirando o distintivo que diz que o que ele faz é legal, somos iguais. Claro que eu torturo minhas vítimas antes, mas isso é um mero detalhe.

LOGAN: Isso incomoda você?

Não consigo conter o riso. Gemo e balanço a cabeça, feliz por não haver ninguém que possa me ouvir ali. Meu senso de humor mórbido provavelmente não vai ajudar o relacionamento a ser duradouro.

EU: Nem um pouco. Tenho certeza de que foi inevitável, ou você não teria matado.

Às vezes, a justiça não é feita. E as pessoas precisam garantir que seja.

“Quer brincar, Victoria? Você sabe que quer.” O hálito de Ben é como ácido na minha testa. Eu consigo dar uma joelhada na lateral do corpo dele.

Ele fala um palavrão e vira a cabeça.

“Segura ela!”, Ben grita para Tyler. “Ou vou deixar que ela te acerte algumas vezes também.”

Um grito corta a noite, mas não é meu. Eu me recuso a deixar que me ouçam gritar.

“Seu grito é lindo”, ouço Kyle dizer atrás de nós, rindo, mas não consigo ver nem a ele, nem o que está fazendo.

E não quero ver.

Não quero ver nem o que estão fazendo comigo.

As lembranças costumavam me fazer chorar por horas, em posição fetal. Agora, servem de combustível. Alimentam minha missão. Me fazem ir em frente.

Me tornam um tanto assassina.

Balançando a cabeça, eu me movimento mais rapidamente pela casa e escondo a última câmera no ursinho de pelúcia na cama. Aparentemente, a esposa de Tyler gosta de bichinhos de pelúcia. Ou pelo menos espero que seja dela. Eu odiaria saber que tremi de medo de um cara que tem um bichinho de pelúcia.

Quando entro no último cômodo, noto que é um estúdio à prova de som. Vai ser perfeito, considerando que não há porão. O cômodo não tem janelas.

Não vou colocar nenhuma câmera aqui.

Tem algumas guitarras alinhadas, boas e brilhantes.

A vida desse cara até agora foi boa e brilhante. Como a vida de todos eles.

Mal posso esperar para pintá-la de vermelho.

A única coisa verdadeiramente valiosa é a intuição.

Albert Einstein

LOGAN

“Quem é a garota?”, Elise pergunta, pigarreando e se sentando na beirada da minha mesa.

Noto que estou sorrindo enquanto deixo o celular de lado, mas disfarço.

“Não faço ideia do que você está falando”, minto, procurando me conter.

“Pode mentir, se quiser, mas você se entregou ao olhar para o telefone. Só tem dois motivos pra um cara sorrir pro celular assim: pornô ou uma garota.”

Dou risada e desvio o rosto, analisando as provas mais recentes do caso Bicho-Papão. Odeio quando a imprensa inventa um nome para os criminosos. Só os deixa mais iludidos e faz com que recebam a atenção que buscam. Por sorte, o caso das quatro vítimas torturadas e mutiladas ainda não vazou. Não quero nem imaginar o nome que eles inventariam para esse criminoso.

“Vamos mandar uma equipe a Boston para seguir as pistas relacionadas às mortes que ocorreram lá. Isolamos a área e reduzimos o número de suspeitos. Topa ir? Vou ficar no caso das mutilações seguidas de morte”, digo, em vez de dar trela ao seu comentário.

Elise exala lentamente. “Claro. Eu vou pra Boston. Agora para de olhar pra isso. Você vai acabar tendo pesadelos”, ela diz, apontando para as fotos espalhadas na minha mesa. Sempre mando fazer cópias ampliadas. Ver as coisas de vários ângulos ajuda a identificar coisas que poderiam passar despercebidas.

“Preciso encontrar o motivo por trás dessas mortes”, digo e aponto para a última vítima castrada.

“Às vezes, não há motivo. O criminoso é alguém sexualmente frustrado, provavelmente um homem gay que não aceita sua orientação sexual. Quando aceitar, ele deve se tornar um sádico sexual. O cara provavelmente foi alvo de zombaria e provocação por parte das vítimas, ou foi rejeitado por elas. A polícia local está demorando para retornar. Não acho que estão levando o crime tão a sério quanto deveriam. Falei com vários moradores, que agiram como se nunca tivesse existido um homem gay na cidade. Como se levar isso em consideração já fosse uma blasfêmia. Tive vontade de mostrar fotos do meu irmão com o marido só pra chocar.”

Meus lábios se contorcem.

“Quanto menor a cidade, mais resistente a forasteiros. Eles não gostam que a gente se meta em seus assuntos e com certeza não querem que algo que possa manchar sua reputação seja descoberto. Mas uma hora vamos ter que voltar para lá. O criminoso *vai* voltar para o capítulo final”, digo, com um suspiro pesado.

Ela assente enquanto se levanta, então pega a chave da minha mesa e dá uma olhada para mim, que permaneço sentado.

“Só uma dica de amiga: somos todos viciados em trabalho. Foi assim que montamos essa equipe. Temos sempre três ou mais casos rolando ao mesmo tempo, ainda que no retrato da TV o FBI só lide com um caso por vez e tenha bastante tempo livre. Então sair com alguém... nunca é fácil. Não é à toa que somos todos solteiros,

divorciados ou ambos. A não ser que a gente se divirta com alguém do trabalho, nunca temos tempo de ver quem está nos esperando em casa.”

Elise se vira e vai embora, com uma olhada por cima do ombro. Procuro ignorar. Temos algum tempo livre. Pode não ser muito, mas é o bastante. Espero que seja. Odiaria morrer sozinho depois de passar a vida perseguindo psicopatas.

EU: A gente precisa se ver de novo. Ficar só trocando mensagem é um saco.

LANA: Concorde. Já estou com cãibra nos dedos.

EU: Daqui a dois dias? Não tenho planos pro café da manhã.

LANA: Estarei na Virginia Ocidental.
E amanhã?

EU: Não posso. Vou para Boston fazer um briefing rápido. Volto amanhã à noite, mas vou ter um monte de trabalho pela frente. Devo ir para casa depois da meia-noite. SE é que vou.

LANA: Mandar mensagem já não parece tão ruim assim, hein?

Dou risada e gemo, relaxando na cadeira quando Craig entra na minha sala.

“Bom, o xerife do condado daquela cidade minúscula finalmente ligou. Acabei de falar com ele. O cara mora lá e parece achar que chefia todos os departamentos de polícia da região. Bom, o xerife disse que não tem ‘nenhum gay’ nas cidades dele. ‘Isso é coisa do pessoal da cidade grande, que esqueceu como ser homem e mulher’”, Craig revira os olhos, e eu solto um palavrão.

“Serial killers com frequência foram reprimidos na infância. Esse xerife negar que as pessoas possam ser qualquer coisa além do que

ele quer que sejam não vai nos ajudar a encontrar o criminoso antes que volte a atacar.”

“Eu disse praticamente a mesma coisa. Mas o cara não quer saber. Acha que foi coincidência os ‘pobres rapazes’ serem mortos. Disse que foi culpa deles por terem saído de casa, quando o mundo é cheio de perigos. Tenho certeza de que é uma mentalidade de culto, e eu não ficaria surpreso se todo mundo nas cidadezinhas sob as asas dele pensasse da mesma forma.”

“Se não conseguirmos nada, vamos ter que falar com a cidade inteira”, resmungo.

“Acha que o criminoso ainda mora lá?”, Craig pergunta, sentando-se à minha frente.

“Acho improvável, mas possível. Não temos informações suficientes para um perfil mais específico.”

Ele entrelaça as mãos diante da boca. Seus olhos se mantêm fixos no tampo da minha mesa, parecendo distantes.

“A imprensa vai inventar todo tipo de teoria se isso vazar antes que a gente tenha um perfil concreto”, ele diz, distraído.

“Tô ciente. Pelo menos agora sabemos que o xerife não vai espalhar nada.”

Ele assente, ainda sem olhar de verdade para nada.

“Não sei como você consegue”, Craig diz, desviando os olhos de uma foto. “Como pode entrar na cabeça de alguém tão doente e sádico?”

“Como você lida com as mil e uma perguntas da imprensa?”, pergunto, dando de ombros. “Todos temos nossos pontos fortes. E eu não entro na cabeça de ninguém. Só acesso sua psique. É a única maneira de compreender seus delírios. Não posso pensar como uma pessoa racional pensaria. Uma mente distorcida forma a própria realidade. É por isso que preciso de mais informações. O

cara não está deixando pistas o bastante para que as peças do quebra-cabeça se encaixem.”

6

Admito que pensamentos influenciam o corpo.

Albert Einstein

LANA

Minha vida começou a girar em torno do celular. Bem, tem sido assim nos últimos cinco meses, mas agora é diferente. Antes, eu corria para pegar o celular clonado. Não o meu de verdade. Isso mudou algumas semanas atrás, quando o agente Logan Bennett apareceu.

LOGAN: Craig acabou de me perguntar se você é lésbica.

EU: Quem é Craig?

LOGAN: Você não faz ideia de como adorei essa resposta. Recebi alguns olhares curiosos por estar rindo.

Não faço ideia de qual foi a graça.

EU: Eu estava falando sério. Quem é Craig?

LOGAN: Quero muito te ver de novo.

EU: Bem, podemos os dois abandonar o trabalho e finalmente sair.

LOGAN: Estou mesmo começando a pensar se não é hora de mudar de carreira. Meus casos não estão dando em nada.

EU: Não sei se isso vai fazer você se sentir melhor, mas também ando pensando nisso. Encontrei um cara ontem que queria trocar os pintos de

borracha da esposa por uma lavadora de alta pressão. A mulher ficou furiosa quando apareci pra verificar a qualidade dos “brinquedos” dela.

Pelo menos isso é verdade. Odeio ter que mentir para ele.

LOGAN: Acabei de cuspir café na mesa.

EU: Que coincidência. Parece que ela é do tipo que cospe também. O marido me contou muito mais do que eu queria saber. #overshare

LOGAN: Para, por favor. Está todo mundo pensando que sou louco de rir tanto assim.

EU: Não foi a situação mais estranha em que me meti, mas também não foi um dos meus melhores momentos.

LOGAN: Então os dildos não foram trocados pela lavadora?

EU: Não. E fiquei sabendo que ela vai precisar dos pintos de borracha mais do nunca, já que não vai deixar o marido chegar perto por um bom tempo, pelo que ele me disse. Quando fui embora, o cara não estava nada feliz. Parece que foi culpa minha por ter aparecido uma hora mais cedo, quando ela ainda estava em casa.

LOGAN: Tá bom, você venceu. Não tenho como competir com isso.

EU: #LifeGoals

LOGAN: Você sempre vai ao café onde a gente se conheceu?

EU: Hum... é uma mudança de assunto meio abrupta, mas vou, sim. Faz pouco mais de um mês que moro aqui, e lá foi o primeiro lugar que encontrei que faz um café decente.

LOGAN: Então que pena que não fui antes. Duas semanas antes de nos conhecermos, tive uma folguinha. A gente poderia estar fazendo isso ao vivo.

EU: Você não costuma ir lá?

LOGAN: Aquela foi a primeira vez. Craig e eu tivemos uma reunião com o alto escalão sobre medidas de segurança.

Só paramos naquele café porque o nosso estava fechado para reforma.

EU: Ah, ELE é o Craig!

LOGAN: Você não lembrava mesmo o nome dele?

EU: Só guardo o nome de pessoas de quem gosto ou que quero matar.

Estremeço ao ler o que escrevi, me dando conta de que não é uma piada que se deva fazer com um agente do F B I — principalmente considerando que é verdade.

LOGAN: Espero estar na lista certa.

Solto o ar devagar, então sorrio diante da piada mórbida, agora que sei que ele não me levou a sério.

EU: Está, sim. E, no momento, está no topo da lista certa. Faz um bom tempo que não sorrio tanto como quando conversamos.

LOGAN: Eu devia ter te beijado.

Meu coração tamborila no peito quando leio. Então releio. E releio. E releio.

Sinto um friozinho na barriga todas as vezes e tento processar as reações esquisitas que tenho com Logan. Ele faz com que eu me sinta e aja como a pessoa que nunca pensei que poderia voltar a ser, e mal o conheço. Só o vi duas vezes.

No entanto, não há um dia em que não trocamos mensagens. E é o ponto alto do meu dia.

Todo dia.

Toda vez.

Cada palavra.

EU: Devia mesmo. Teria me poupado daquele aceno bizarro.

LOGAN: Mas o aceno MUITO bizarro também foi uma graça.

EU: Haha. Engraçadinho. É que faz um tempo que não saio com ninguém.

Na verdade, faz apenas sete meses, mas, como sempre, meu interesse morreu depois de um mês, porque tudo aquilo que eu queria sentir nunca veio. Senti apenas uma fração do fogo que sinto com Logan e tentei forçar a barra, desesperada para sentir qualquer coisa que não fosse raiva, ódio, fúria... inadequação.

Eu pensei que não tinha mais essa capacidade. Pensei que a haviam tirado de mim.

Então me deparei exatamente com o que eu procurava antes de começar a riscar os nomes da minha lista. O problema é que Logan é meio que meu oposto, e não no bom sentido. Eu mato pessoas, e ele pega assassinos. E não posso parar. Queria não o ter conhecido quando estou apenas no começo da minha lista.

Ainda tenho muito mais nomes a riscar. Ainda tenho muito mais coisa a consertar. Outra mensagem chega, e eu baixo os olhos para a tela do celular, sorrindo, porque não consigo evitar.

LOGAN: Então eu devia mesmo ter te beijado.

*Imaginação é mais importante que conhecimento. O
conhecimento é limitado.*

A imaginação circunda o mundo.

Albert Einstein

LOGAN

“Sabemos, com base nas últimas cinco mortes e mutilações, que os principais motivos foram frustração sexual e possível rejeição”, eu digo, embora sinta que há muito mais nessa história. “Talvez o criminoso se sinta inadequado, possivelmente pela rejeição ou algo ainda mais grandioso que aconteceu no passado. Precisamos encontrar a ligação e começaremos pela cidade. Leonard e Elise voltaram para Delaney Grove em busca de alguém que tenha algo a dizer. Por enquanto, o restante de nós permanecerá aqui, onde a última morte ocorreu. Na cena do crime mais recente”, concluo.

As pessoas recolhem suas pastas e arquivos, e eu volto para minha sala, tão cansado que nem consigo pensar direito. Nas últimas duas semanas, ou dormi no escritório, ou voltei para casa para algumas poucas horas de sono.

Diferente da maioria dos serial killers, este não está incorrendo em mais riscos ou agindo mais rapidamente. Tampouco está ficando mais ousado, uma decisão inteligente. O que é péssimo para nós, que precisamos que erros sejam cometidos.

O rastro vai esfriar. Mais uma semana e podemos ter outro corpo.

Recebo uma notificação no celular. É uma mensagem de texto, e sorrio quando vejo de quem. Não sei por que ela se dá ao trabalho, já que tudo o que fizemos desde o dia em que a deixei no café foi trocar mensagens e falar ao telefone.

LANA: Sempre tirei sarro da ideia de relaxar vendo Netflix em casa, mas agora entendo o atrativo.

EU: Não tenho nem TV.

LANA: Quê??? Como assim???

EU: Sempre falo que vou comprar...

LANA: Sinto muito, agente Bennett, mas nossa relação precisa terminar agora.

EU: Se vai terminar comigo, pelo menos me chama pelo meu primeiro nome.

LANA: Agente Bennett é muito mais sexy.

Abro um sorriso.

EU: Ah, é? Você curte uma algema?

LANA: Não curto ser algemada de jeito nenhum. Não é minha praia. Mas não me oporia a algemar você... se a gente chegar a esse ponto um dia, claro.

Sinto meu pau se mexer dentro da calça, e eu conto os meses desde a última vez em que tive tempo de pensar em sexo. Chego a cinco e paro de contar, porque é deprimente. Vou precisar de alguns encontros com minha mão antes de Lana, para não passar vergonha.

EU: Jantar amanhã?

LANA: Você pode?

EU: Não surgiu nenhuma pista nova, então tenho um tempo livre. Não vai ser muito, mas é melhor do que só trocar mensagem.

LANA: Não sei qual é o protocolo nesta situação.

A mensagem me faz franzir a testa.

EU: Protocolo?

LANA: Posso dizer sim pra um convite de última hora? Ou pega mal parecer tão disponível? ;)

Sorrio e até rio sozinho, enquanto me recosto na cadeira e olho para o relógio. Passam das nove, mas minha vontade é vê-la agora mesmo.

EU: Com frequência vai ser de última hora comigo, então espero que você seja do tipo que não liga de estar disponível... Espero que isso tenha soado melhor em voz alta.

LANA: Não soou, não. Mas entendo o que você quis dizer. Vamos jantar, sim. :)

Espero que a despedida envolva mais que um aceno desconfortável desta vez.

Dou um soco no ar, e quando levanto a cabeça noto alguns olhos curiosos voltados para mim, do outro lado da porta da minha sala. Eu me sinto como um garoto de catorze anos quando respondo.

EU: Não vou embora com apenas um aceno desta vez. Não sei quando a gente vai conseguir se ver de novo ou se você vai ter paciência com meus horários péssimos.

LANA: Meus horários também são péssimos.

EU: É errado eu querer te perguntar onde você mora e aparecer hoje com a desculpa de que estava passando e pensei ter visto alguém perto demais da sua casa?

LANA: É errado eu torcer pra você quebrar as regras, descobrir meu endereço e fazer exatamente isso?

Gemendo, olho para o relógio e depois para a tela do computador. Decido abusar dos meus privilégios, procuro o endereço dela, e nada mais. Coloco o endereço no GPS do celular, pego a mala que sempre deixo pronta no escritório e sigo apressado para o carro.

Como é bastante presunçoso chegar de mala e cuia, eu a jogo no banco de trás, torcendo para que Lana não a veja e perceba que minhas expectativas estão muito mais altas do que deveriam. É claro que vou embora assim que chegar, se ela quiser, mas estou torcendo para que não seja o caso.

Porque Lana Myers não sai da minha cabeça desde o dia em que a conheci, e seria legal ter alguém que notasse caso eu sumisse.

*Para saber os segredos da vida, precisamos antes nos
conscientizar de sua existência.*

Albert Einstein

LANA

Fico olhando para minha última mensagem e o espaço em branco embaixo, porque Logan não me responde. Cara, como sou ruim nesse tipo de coisa.

Eu me levanto com um gemido e dou uma olhada no monitor na parede. Tyler entra na frente da câmera só de cueca. Está sorrindo enquanto manda uma mensagem. Uma notificação chega no meu outro celular na mesma hora, e eu vejo o que ele escreveu para uma garota chamada Denise.

TYLER: O que está usando? Estou pensando em você.

Reviro os olhos, torcendo para Denise mandar o cara se foder. O que não acontece.

É difícil passar um mês vendo os caras tocarem a vida. Tenho que vê-los desfrutar da liberdade que roubaram de mim. Que roubaram de nós.

Tyler é o primeiro casado e parece estar traindo a esposa. Eu queria deixá-lo para o fim, mas ainda não posso me dar ao luxo de ir para *casa* e acelerar o processo. Se eu tentasse espaçar os caras lá como venho espaçando agora, acabaria sendo pega.

Jake confirmou que o FBI está investigando a cidade. Era questão de tempo até relacionarem as mortes. Eu queria que demorasse o máximo possível, por isso comecei matando fora da cidade.

Não que eles vão chegar a mim, claro. Lana Myers não existe naquela cidade. Nunca existiu.

Victoria Evans morreu dez anos atrás. Fisicamente, não tenho mais nada a ver com ela. Os caras garantiram que isso acontecesse. Meus olhos procuram o espelho na parede ao meu lado. Sem maquiagem, dá para ver a marca sutil das cicatrizes.

Gastei muito dinheiro para garantir que o mínimo possível ficasse visível. Victoria Evans podia ser uma adolescente pobre de Delaney Grove, mas Kennedy Carlyle era uma herdeira que morreu em um acidente de carro na mesma noite em que meu atestado de óbito foi assinado. Ela ficou tão irreconhecível que Jake não teve nenhuma dificuldade em alterar as informações no sistema.

Kennedy pode ter morrido aquela noite, mas a estranha que nunca conheci salvou minha vida.

Entrei como Victoria e saí como Kennedy. Assumi sua vida de órfã rica e mudei meu nome “legalmente” para Lana Myers, para evitar que alguém de seu passado me descobrisse.

Foi a maneira mais fácil que encontrei de ter um fundo para nos apoiar e mudar minha identidade. Jake só descobriu maneiras mais inventivas de fazer isso nos últimos anos.

Levei um tempo para ver as cicatrizes no meu rosto como marcas de uma sobrevivente em vez de lembranças brutais daquela noite. As cicatrizes nas outras partes do meu corpo não ficaram tão bonitas. E as da minha alma foram as que demorei mais para encarar.

Dizem que cada um tem seu processo de cura.

O primeiro ano do meu envolveu o luto pela minha família e lidar com o trauma. Chorei até não ter mais lágrimas. Eu ficava em posição fetal e tomava três banhos por dia, mas nunca me sentia limpa.

Passei o segundo ano furiosa, procurando válvulas de escape. Comecei pelo kickboxing. Quando cheguei ao terceiro ano, eu já havia passado para muitas outras formas de artes marciais. Hoje, tenho várias faixas pretas.

Não quero nunca mais ser vítima de alguém.

No quarto ano, eu me fortaleci, lidei com meus medos e aprendi a me virar, sem as noites sem dormir.

Foi no quinto ano que comecei a tolerar o contato físico. Eu cresci. Aprendi a não me encolher quando alguém me tocava. Aprendi a ser tão normal quanto possível.

No sexto ano, finalmente fui capaz de ter intimidade com alguém sem querer matar a pessoa. Então decidi que eu não era mais a vítima. Foi nesse ano que reassumi o controle da minha vida e abracei meu futuro, antes de sua completa destruição.

No sétimo ano, eu decidi me vingar. E o planejamento teve início.

No oitavo ano, comecei a localizá-los. Aprendi tudo a respeito deles.

Passei o nono ano debruçada sobre os arquivos do julgamento do meu pai. Aprendi tudo o que a polícia sabia, mas procurei pela verdade em vez das mentiras.

No décimo ano... foi no décimo ano que decidi começar a matar um por mês.

Jake me convenceu a ser cautelosa. Eu odiaria ser pega antes do fim.

Minha vida acontecerá entre as mortes. Posso ter ambas as coisas.

Porque duvido que sairei viva dessa.

Denise decide responder à mensagem de Tyler, me tirando dos devaneios. Ela manda uma foto vestindo uma camisola de renda. Inacreditável. Se os relacionamentos de hoje são assim, estou mesmo perdida. Não vou passar meia hora usando um troço desses só para tirar uma foto.

Meu celular vibra sem parar enquanto Tyler e Denise começam a trocar mensagens safadas. Se necessário, a esposa vai descobrir essas mensagens. Ela com certeza não pode estar em casa quando eu for cobrar a dívida.

Meu outro celular toca. Eu o pego, distraída, enquanto leio a última mensagem de Tyler. Como Denise pode se interessar por isso?

“Alô?”

“Oi, sou eu”, Jake diz, e eu ouço o barulho de digitação ao fundo. Ele está sempre no computador, preparando tudo para mim. É o melhor parceiro do mundo.

“O que está fazendo?”, pergunto, curiosa.

“Acabei de fazer o cheque da Olivia e agora estou trabalhando no site.”

“Está lendo isso?”, pergunto, franzindo o nariz para a mensagem de Denise descrevendo um boquete em detalhes.

“Infelizmente. O que você vai fazer hoje à noite? Pensei que podíamos comprar alguma coisa para comer e assistir aos vídeos de segurança juntos. Já consegui a senha da porta. Você está aprendendo a colocar as câmeras em ângulos melhores.”

Meus olhos vão para o monitor, distraídos. Tyler começa a baixar a cueca. Não quero ver isso.

Desvio o rosto e digo: “Fica cada vez mais fácil. A esposa passa bastante tempo fora, a trabalho. Tem uma conferência dois dias

antes da data prevista. Ela vai passar o fim de semana fora. Posso atacar então. Dois dias e pronto”.

“Não vai ficar confiante demais e atacar muito cedo. Se não for cautelosa, vai cometer erros e ser presa.”

“Verdade. Tem uma conferência no fim de semana seguinte também. Posso postergar a morte.”

“É melhor que adiantar, mas, se possível, mantenha a consistência temporal, pra não perder o foco.”

Uma risada desdenhosa me escapa, e eu reviro os olhos. “Não precisa se preocupar com isso. Não vou perder o foco.”

As provocações não me assombram mais à noite. Agora, eu sonho pacificamente com os gritos deles.

Percebo que deve ser psicopatia, porém não nasci assim. Foram eles que me transformaram nisso. E não precisarão encarar o carma. Nem a justiça. O destino parece satisfeito em permitir que sigam seu caminho perfeito, banhados de amor, paz e bênçãos.

Uma única pessoa quer que eles sofram. Bom, duas. Jake quer que eles sofram tanto quanto me fizeram sofrer. Tanto quanto fizeram...

“Você diz isso, mas a cada morte parece menos furiosa. Ultimamente, anda até meio... animada. Nas últimas semanas você tem dado risadinhas e parece chapada sempre que falamos. Está se cansando disso? Ainda dá pra desistir.”

Isso não tem nada a ver com as mortes e tem tudo a ver com o agente Bennett. Não que eu vá confessar a Jake. Ele ficaria maluco se soubesse que eu... Bom, não tenho certeza do que estou fazendo com Logan, para ser sincera, além de sorrir como uma doida sempre que recebo uma mensagem.

Se eu contasse a Jake que estou interessada em um agente do FBI especializado em serial killers que talvez esteja investigando meu

caso, ele provavelmente surtaria.

Porque é idiotice.

E eu deveria pôr um fim nisso.

Mas não consigo.

Quando uma pessoa passa tanto tempo se sentindo fria e distante, e um completo desconhecido aparece e desperta sentimentos dormentes que ela acreditava inexistentes... ela acaba se viciando nisso. Acaba sorrindo como nem se lembrava de sorrir, ou rindo de maneira que não parece natural, quando vinda de lábios que não riem há anos.

Nossa. Preciso segurar a onda. Estou a uma fantasia de tatuar o nome do cara na minha bunda.

Não consigo evitar me perguntar como seria se as coisas não tivessem saído completamente dos trilhos no passado. Acho que Logan gostaria da minha antiga versão. Eu era inteligente, divertida, sagaz e um tantinho dramática. Chegava a chorar se matasse um inseto por acidente.

Agora... agora sou um metro e sessenta e três de uma vingança que ninguém sabe que está por vir.

“Estou animada porque a sensação é boa. Talvez eu esteja chapada de adrenalina ou algo do tipo”, minto.

“É verdade?”, ele pergunta, parecendo confuso.

Sei que Jake apoia o que estou fazendo. Ele estava lá. Ele me ajudou a recolher os cacos e colá-los da melhor maneira possível, quando eu mal suportava a presença de outra pessoa.

No entanto, Jake não quer saber dos detalhes sórdidos, e eu duvido que se sinta confortável comigo dizendo que as mortes me deixam com um sorriso bobo no rosto — ainda que não sejam as mortes. Só que não posso lhe dizer a verdade. Porque... desencadearia uma Terceira Guerra Mundial e tal. Não quero que

ele me convença a esquecer Logan, quando eu mesma quase fiz isso tantas vezes.

“É”, digo, insistindo na mentira.

Espero mesmo que eu tenha dito a coisa certa a Logan. Eu só estava indo na dele. Não é incomum algo exigir a atenção do cara no meio de nossas trocas de mensagens, e ele pode levar horas para conseguir responder, então tento não pensar muito a respeito.

Meus olhos retornam a Tyler, que já está se limpando. Ele é tão rápido quanto eu lembrava.

Mais uma semana até o dia de matá-lo.

“Ainda acho que castrar os caras não é a melhor ideia. Se forem fundo na história da cidade, podem acabar descobrindo tudo, e cedo demais”, Jake diz, me lembrando de que ainda estou ao telefone.

“Você lembra o que eles fizeram, não? Quero que sintam a pior dor imaginável. Quero tirar até o último grama de poder dos caras. E toda a dignidade.”

Solto o ar devagar e ouço o silêncio do outro lado da linha.

Jake permanece sem dizer nada, e eu procuro tranquilizá-lo.

“Mesmo que descubram que alguém voltou do mundo dos mortos, tomei uma série de medidas para despistá-los. O FBI acha que o criminoso é um homem grande e forte. Eu estrangulo os caras até eles desmaiarem, em vez de usar qualquer coisa pra incapacitá-los, como as mulheres em geral fazem. E faço isso quando já estão no chão, para não entregar minha altura. Treinei anos pra isso. Você não precisa se preocupar.”

Ele solta um suspiro duro. “Odeio que você deixe os corpos para serem encontrados. Preferiria que levasse os caras pra um lugar isolado e controlado, e depois desovasse os corpos onde nunca pudessem ser encontrados.”

“Quero que eles sejam encontrados. Quero que as mortes sejam relacionadas. Só não queria que acontecesse tão cedo. Quero que eles fiquem cada vez mais assustados à medida que avanço na lista. Quando chegar a Kyle, quero que ele esteja chorando de medo. É por isso que vou deixar o cara por último.”

“E o que vai acontecer se ele descobrir tudo e for à polícia? Isso vai acabar chegando à imprensa.”

Me surpreende que ainda não tenha chegado.

“Eu sabia dos riscos quando comecei, e Kyle falar com o FBI sobre uma garota morta matando caras que a brutalizaram dez anos atrás não é um deles. Kyle teria que explicar *por que* alguém está escolhendo esses alvos. E você sabe que nenhum deles vai fazer isso.”

O segredo que eles vêm guardando devoraria qualquer um vivo... qualquer um com uma consciência. Só que os caras se sentiam justificados em machucar inocentes.

Eles conseguiram o que queriam e seguiram com a vida como se nada tivesse acontecido. Como se não tivessem nos deixado ali, para morrer.

Uma pessoa de fato morreu depois daquela noite.

Só que eles pensam que foram duas.

Jake continua me enchendo com suas conjecturas sem fim. Meus pensamentos continuam se distanciando, porque Logan assombra minha mente.

Amanhã, finalmente vou vê-lo.

Tyler se deita para dormir, e permito que o monitor volte a ser TV. Até agora, ele tem dormido às dez. Tudo o que ele faz parece seguir uma programação, até as idas ao banheiro.

“Vou desligar, Jake.”

“Tá bom, tá bom. Me liga depois.”

Desligo e começo a fazer o inventário. Minhas facas estão enfileiradas na bainha que eu mesma fiz. Estão limpas e sem digitais, como sempre.

Vou até a geladeira e me sirvo um copo de vodka pura. Sorrindo, coloco para tocar um vinil antigo, que meu pai adorava. Ele e minha mãe sempre dançavam essa música à noite, antes do descarrilamento metafórico da minha vida.

Eu me movimento ao som da música, dançando como eles faziam, e quase não escuto as batidas fortes na porta.

Dou um pulo, e meu coração sobe à garganta. Ninguém nunca vem aqui. A entrada é sinistra e tem gárgulas no fim, para completar. Várias placas sinalizam que se trata de propriedade privada.

Nem mesmo o carteiro se atreve a chegar à porta. Ele deixa as encomendas perto do fim do trajeto de oitocentos metros.

Meus olhos correm para a janela, mas não vejo nenhum veículo ali. Depois de desligar a vitrola, guardo as facas na gaveta mais próxima, ao som das batidas. Pego o revólver e me aproximo silenciosamente da porta.

Verifico o olho mágico. Meus olhos se arregalam e solto o ar de uma vez só, sem conseguir acreditar.

“Merda!”, sibilo, me apressando a guardar o revólver na gaveta do aparador junto à porta.

“Vamos, linda. Não vai me dizer que não está em casa, depois que quebrei as regras e as leis de privacidade pra te encontrar”, Logan diz, do outro lado da porta.

Sinto um friozinho na barriga e um sorriso bobo se insinua quando abro a porta para o agente do FBI. Seu sorriso se alarga quando me vê. Logan me observa de cima a baixo e arqueia uma sobrancelha.

“Nunca fui tão bem recebido.”

Fico confusa por um segundo, então baixo os olhos para meu corpo e constato que, sim, estou sem calça. O que é raro, mesmo em casa.

Volto a encará-lo e dou de ombros, ignorando o calor que me sobe pelo pescoço. Estou com vergonha? Sério? Eu nem sabia que era capaz disso até este momento.

“Posso entrar antes que alguém te veja? Eu detestaria mostrar meu lado ciumento assim cedo”, Logan diz e oferece uma piscadela quando me afasto devagar, esforçando-me ao máximo para não dizer nem fazer nenhuma idiotice.

Devo correr para colocar uma calça? Ou vou parecer uma idiota que esqueceu que estava sem? Mulheres confiantes estão sempre de camiseta e calcinha, não?

Claro que sim.

“A entrada da minha casa é meio assustadora, e com esse mato todo ninguém consegue me ver aqui dentro”, divago, então fecho a boca.

Assim que fecha a porta, Logan se vira e seus olhos se alteram. É sutil a forma como o brilho de quem achava graça cede espaço a algo muito mais tentador.

Começo a falar, em uma tentativa de explicar por que abri a porta seminua, mas de repente ele está em cima de mim. Suas mãos pegam meu cabelo e inclinam minha cabeça para trás com vigor, e sua boca encontra a minha.

Passo de surpresa a alguém se desfazendo em questão de segundos, e abro os lábios para que sua língua possa entrar e roubar a pouca sanidade que me resta.

Gemo em sua boca quando uma das mãos dele desce pelo meu corpo, agarrando minha cintura e me puxando para si. Minhas

mãos sobem e agarram seus ombros para evitar que eu caia.

É bom demais. Não desajeitado, errado ou desconfortável. É bom *demais*.

O beijo é voraz, quase como se tivéssemos passado vontade por tempo demais. Percebo que estamos indo rápido, mas não estou nem aí. E ligo ainda menos quando ele me levanta e coloca sobre o aparador ao lado da porta, posicionando-se entre minhas pernas enquanto me devora.

Suas mãos sobem e descem pelas laterais do meu corpo, voltam ao meu cabelo e descem outra vez. É como se ele quisesse me tocar por inteiro de uma só vez, mas fosse impossível. Por outro lado, ele se atém a áreas mais seguras em vez de me apalpar, apesar da minha falta de roupa.

Isso só me faz querê-lo mais.

Eu o puxo pela camisa, enrolo sua gravata na mão e o trago o mais perto possível. Logan solta um som tenso antes de se esfregar entre minhas coxas, o que me deixa louca.

“A gente deveria ir mais devagar”, ele diz, nos meus lábios.

“Deveria”, concordo, ainda o beijando e puxando em minha direção.

“Onde fica o quarto?”, Logan pergunta, tentando sem sucesso interromper o beijo.

“No fim do corredor, à direita.”

Ele me pega no colo e começa a me levar, passando pela escada que leva à parte da casa que não posso deixar que veja de jeito nenhum. Minhas pernas continuam o envolvendo, enquanto tento não pensar em como isso é perigoso.

Não achei que ele fosse aparecer sem aviso. Tem uma sala do crime lá em cima, esperando para ser descoberta.

Faço uma lista mental rápida do que ele poderia encontrar no

meu quarto e constato que está tudo guardado. Desde que ele não ligue sem querer o sistema de monitoramento da sala, vai dar tudo certo.

Minhas costas batem contra a parede quando ele cambaleia, e meus pensamentos me escapam quando o beijo se torna mais agressivo. Vezes demais eu tentei sentir essa paixão, sem chegar a uma fração da chama que arde agora entre nós.

Meus dedos descem pela frente da camisa e a abrem de uma vez só. Os botões vão ao chão, abraçando sua liberdade recente. Uma pele firme encontra as pontas dos meus dedos, e eu gemo em seus lábios quando ele estremece, como se sentisse o mesmo fogo que eu.

Vamos arder juntos.

Sua língua exige mais atenção da minha, e eu o beijo com entrega, como nunca fiz. Enfio os dedos em seu cabelo e posiciono sua cabeça de modo que me permita devorá-lo como quero.

Logan geme e se afasta da parede, voltando a caminhar depressa comigo.

“A outra direita”, digo, quando ele começa a entrar no quarto de hóspedes à esquerda, onde Jake fica quando vem me visitar.

Logan muda de direção, sem perder o ímpeto. Ouço o ventilador zumbindo no quarto, e a ansiedade cresce no meu peito, pronta para ser aliviada.

Ele me deita na cama em um movimento afobado que me pega de surpresa. Eu me apoio nos cotovelos e fico vendo Logan terminar de tirar a camisa. Ele é todo músculos magros e bronzeados, pele lisa.

Sinto uma pontada de medo lá no fundo. As cicatrizes no meu corpo são visíveis. Foi mais fácil ajeitar meu rosto que o resto.

“Rápido demais?”, ele pergunta, interpretando mal minha

hesitação em me despir também.

“Não”, digo, me forçando a parar de pensar.

O passado não pode continuar me governando. Eu não deveria me preocupar com o que as pessoas acham das minhas cicatrizes.

Logan parece hesitar.

“Lana, eu não deveria ter chegado assim e atacado você. Mas...” Seu olhar desce para minhas coxas escancaradas. A calcinha fina é tudo o que me separa dele. Logan engole em seco visivelmente antes de voltar a me encarar. “Podemos ir mais devagar. Juro que não foi por isso que vim.”

Meus lábios se curvam em um sorriso lento. Ele é bem incrível quando tenta ser um cara legal.

Eu fico de joelhos e engatinho em sua direção. Suas pupilas se dilatam. Logan está com tesão, e eu nem precisaria ser boa em ler pessoas para saber disso.

Vagarosamente, vou em sua direção enquanto ele se mantém imóvel. Quando chego, me inclino para a frente e passo a língua na carne fina de seu tanquinho. Logan deixa um ruído baixo escapar, parecendo perder o pouco controle que lhe resta.

Suas mãos vão para o meu cabelo. Com um puxão forte, ele inclina minha cabeça para trás e encontra meus lábios outra vez. É um beijo bruto e voraz, completamente diferente do que eu pensava que ia querer.

Tenho controlado o sexo desde que consegui voltar a ter intimidade. É a primeira vez que me sinto confortável deixando que um cara tome a iniciativa.

“Por onde você andou?”, Logan diz contra meus lábios, fazendo-me sorrir, então me deita e posiciona o corpo em cima do meu.

Não sei bem o que ele quer dizer com isso, mas amo a adoração em sua voz.

Meu sorriso se esvai enquanto aguardo pelo inevitável ataque de pânico ao ser imprensada, que não vem. Mais emoções florescem em mim, e eu procuro afastar as perguntas confusas da minha mente, decidindo analisá-las depois.

Pelo momento, só quero *sentir*.

E sinto.

Sinto seus movimentos enquanto ele abaixa a calça.

Sinto sua mão subindo pela minha perna, provocando pequenos arrepios, por conta dos nervos sobrecarregados.

Sinto quando ele toca partes de mim que não deveriam ser tão eróticas: atrás do meu joelho, minha panturrilha, o peito do meu pé.

Sinto *tudo*, e é perfeito.

Logan começa a tirar minha camiseta, e eu me forço a deixar que o faça. Ele perde o ar quando se dá conta de que estou sem sutiã. Não tinha percebido até então, porque evitou me apalpar.

“Caralho”, ele diz, baixo, e parece ser um elogio.

Logan se afasta, como se quisesse observar bem. O que me dá um segundo para observá-lo também, usando apenas uma cueca boxer preta, que parece ter dificuldade de conter certas partes de seu corpo tenso.

Eu me sinto confiante, até que seu olhar se transforma e se concentra naquilo que eu mais temia.

“O que aconteceu?”, Logan pergunta, sem parecer intrometido ou preocupado demais, apenas curioso.

Seus dedos passam por duas cicatrizes até que eu seguro seu pulso, para impedi-lo. Não quero que sejam tocadas.

Ele volta a olhar em meus olhos, e a preocupação até então ausente começa a se formar. Logan é perceptivo demais. Não posso permitir que minhas expressões entreguem muito.

“Acidente de carro”, digo, com a voz fraca.

É mentira, mas minto bem.

“O mesmo dos seus pais?”, ele me pergunta.

Se ele foi a fundo e descobriu o nome que eu roubei, sabe que a garota em questão não estava no carro com os pais.

“Não. Mas podemos não falar disso agora?”, pergunto, com uma voz provocadora, e ponho sua mão sobre meu seio.

O calor retorna a seus olhos no mesmo instante, e a preocupação some diante da constatação de que estou bem. Devagar, mas com destreza, ele vem para cima de mim e seus lábios voltam a reivindicar os meus.

Neste momento, nada mais importa.

Nós nos beijamos até estarmos ambos nos roçando, desesperados por mais. Não preciso de nenhuma ajuda, porque nunca senti tanto tesão.

Logan geme e então sai de cima de mim.

“Me diz pra parar e eu paro”, ele fala, com uma voz suave, roçando os lábios contra o meu.

Esse pequeno conforto significa mais para mim do que ele pode imaginar, porque acredito nele, vindo de seus lábios.

Quem está acostumado a ler as pessoas, como eu estou, aprende a diferenciar quem é sincero de quem não é. Aprende a pressentir as intenções.

“Não quero que você pare”, digo, baixo, me recusando a romper o feitiço.

Ele se debruça para pegar a calça e eu sorrio quando ouço o som familiar da embalagem sendo rasgada.

“Só para você saber, esse troço está na minha carteira há um bom tempo. Não vim com nenhuma expectativa. Posso ter vindo com

esperança, mas não expectativa”, Logan diz, sorrindo ao ver que sorrio.

Arqueio uma sobrancelha, de brincadeira, e ele volta a me beijar, ajustando o corpo em cima do meu. Suas mãos se movem entre nós e ele ergue o quadril. Resisto à vontade de ficar olhando.

É triste assumir que vê-lo colocando a camisinha provavelmente me faria ter um orgasmo cedo demais. É surreal. Amo a sensação. Quero engarrafá-la e guardá-la para os dias chuvosos.

Quando Logan se inclina, sou obrigada a olhar, e me contorço quando a sensação se torna mais pronunciada, mais insistente. Uma sensação que sei que é desejo.

Ele não é pequeno, tampouco é bizarramente grande. É perfeito.

Quando percebo, estou lambendo os lábios diante da visão de Logan tirando minha calcinha. Seus olhos recaem sobre minha pele nua e ele se inclina.

No segundo em que sinto sua exalação no meu corpo, meu quadril se projeta e eu agarro seu cabelo, forçando-o para dentro.

“Se fizer isso, vai ser o fim. Preciso de mais”, digo, e meus lábios reencontram os seus.

Eu poderia beijá-lo o dia todo, ainda que também queira mais.

Sem precisar pedir, ele entra em mim com uma estocada rápida que me obrigada a abrir a boca para puxar o ar. Quando Logan movimenta o quadril, me dou conta de que tem mais ali do que eu pensava de início, porque ele vai mais fundo, me preenchendo.

Logan me encara, seus olhos transmitindo luxúria e desejo. Não dizemos nada quando ele movimenta o quadril novamente, encontrando um ponto dentro de mim que eu acreditava estar morto.

A sobrecarga sensorial é inegável.

Tudo em mim se contrai, prestes a explodir. Quanto mais ele se

movimenta, mais tensa eu fico. Cravo as unhas em seus ombros, enquanto Logan continua observando a variedade de expressões que deve estar passando pelo meu rosto, com ele me desnudando a cada medida.

Então vem. Com tudo.

A tensão se rompe e a euforia se espalha pelo meu corpo, como se uma bomba detonasse no meu íntimo e explodisse para fora. Meu corpo é varrido, meus dedos dos pés se curvam, vejo um clarão do outro lado das pálpebras que em algum momento se cerraram. Sinto como se minha pele fosse lambida por uma chama quente e incrível.

Quando grito e meu corpo começa a ter espasmos, o ritmo dele se altera e se torna mais urgente. Eu me seguro enquanto meu orgasmo é prolongado de uma maneira que eu nem sabia ser possível, então Logan geme, seu quadril batendo contra o meu quando ele encontra a própria versão do paraíso. Ou pelo menos eu espero que esteja sendo igualmente bom para ele.

Moles e exaustos, meus braços o soltam quando ele desaba sobre meu corpo e beija meu pescoço. Fomos rápido demais, porém não me importo. Estamos condenados de qualquer maneira.

O monstro nunca fica com o príncipe. É sempre a princesa doce e inocente.

Enfio os dedos em seu cabelo e desfruto da sensação enquanto posso.

“Quero repetir a dose, mas não sou o Super-Homem. Me dá uns minutinhos e eu garanto que você vai querer fazer isso mais e mais”, Logan diz no meu pescoço, ainda mordiscando e beijando minha pele.

Meus lábios se curvam em um sorriso, e eu solto um suspiro feliz debaixo dele.

“Quero fazer isso o tempo todo.”

Logan ri, e quando vejo estou dando um abraço nele, que nem sei como começou. Ele me segura firme, retribuindo o abraço.

“Ótimo”, Logan diz. “Porque isso foi bom pra caralho.”

Foi mesmo. E é por isso que a partir de agora preciso me assegurar de que o sistema de monitoramento na sala esteja desligado, trancar o quarto do andar de cima e garantir que minhas armas fiquem lá também.

*Nunca cheguei a qualquer uma das minhas descobertas através
do raciocínio lógico.*

Albert Einstein

LOGAN

“Você transou”, Craig diz quando entro, tirando de mim o café que mal tive tempo de pegar esta manhã.

Eu tinha esquecido como era me perder em uma mulher. E sei que nunca me perdi tanto em alguém quanto ontem à noite e hoje de manhã. Lana é a surpresa mais inesperada da minha vida.

Continuo à espera de encontrar uma falha nela, mas ainda não encontrei. Ninguém pode ser assim tão perfeita. Não que eu queira estragar a relação. Só não quero descobrir que ela é casada ou coisa do tipo. Então estou perto de fazer o impensável, porque ela fodeu com a minha cabeça.

“Talvez”, digo, e sorrio quando Craig geme.

“A Princesa do Gelo quis você e não eu?”, ele pergunta quando me sento na minha cadeira e abro o banco de dados.

“Você não consegue se conformar que ela não caiu no seu *charme*”, comento.

“Tem um motivo para eu ser a cara deste departamento, e não é porque sou o mais bonito daqui, muito embora nós dois saibamos que sou. O fato é que as mulheres me adoram. Mães, filhas, tias, irmãs, sobrinhas. Quando a gente faz cagada, eu ofereço uma

explicação com um sorriso encantador, um ‘putz, que droga’ e simulo um remorso profundo. As pessoas perdoam tudo vindo de alguém com a cara certa. É verdade. Somos todos superficiais. Desculpa se acho meio suspeito a garota não ter demonstrado nenhum interesse em mim e depois virar as costas e trepar com você.”

“Acho o Logan bem mais bonito que você”, Hadley o interrompe, colocando-se ao meu lado enquanto Craig faz cara feia para ela. “E, apesar do que você pensa, nem todas as mulheres são superficiais. A maioria acha alguém interessante porque tem as qualidades certas.”

“Até parece”, Craig desdenha. “Tenho bastante experiência no assunto. Sei do que estou falando.”

Reviro os olhos e começo minha pesquisa, enquanto os dois continuam discutindo. Não há nenhum registro de casamento. Ou de divórcio. Ou de filhos — não que eu me importe, mas seria bom saber. Nenhum... parente vivo... Merda.

Ninguém? Lana não tem absolutamente ninguém? Já sei que ela não tem redes sociais. Só os perfis da empresa, que não mencionam seu sócio.

Não vou mais fundo. Sinto que já invadi sua privacidade o bastante. Qualquer outra coisa precisa vir dela, quando estiver pronta. Como a história do acidente de carro que deixou aquelas cicatrizes todas.

Deve ter sido terrível, considerando uma que vai do quadril esquerdo até o seio direito. E tem outra do lado direito, bem grande e irregular. São antigas. Dá para ver.

Eu deveria ter mostrado as minhas cicatrizes, mas passei o resto da noite ocupado explorando seu corpo e não lhe dei tempo de explorar o meu. Sempre que ela se arriscava, eu perdia o controle.

Sentir suas mãos em mim fazia com que eu voltasse a me comportar como um adolescente cheio de tesão.

“Você tem um problema sério de confiança”, Hadley diz, me tirando dos meus pensamentos.

Ela está lendo minha última pesquisa por cima do ombro, e só então percebo que Craig saiu. Fecho a janela e dou de ombros.

“Você já me pediu para fazer a verificação de antecedentes e agora quer ir mais fundo?”

Hadley arqueia uma sobrancelha para mim.

“Você já conheceu alguém que parecia bom demais para ser verdade? Quase cheguei atrasado hoje porque não conseguia me separar dela. A garota não tem nenhum defeito. É linda, inteligente, atrevida, excêntrica e não liga para meus horários malucos, o que é um problema para a maioria. Nunca se irritou porque tive que cancelar nossos planos. Apareci na casa dela sem avisar, e ela foi simplesmente perfeita, duas vezes. Então... estou preocupado mesmo, porque a gente se apaixona rápido por alguém assim.”

Hadley revira os olhos e finge que está com ânsia de vômito. Mostro o dedo do meio para ela e começo a abrir os arquivos dos casos em andamento.

“Todo mundo tem falhas. Vocês ainda estão na fase da lua de mel. Uma hora, ela vai se irritar com você cancelando o tempo todo, com o fato de que nunca está disponível. E você também vai começar a notar coisas que ela faz e que te incomodam. Agora vocês ainda estão na parte boa, que todo mundo *ama*. É por isso que tantas pessoas se casam mal conhecendo a outra pessoa. Também é por isso que elas acabam se divorciando.”

Hadley ri, e eu me recosto enquanto reflito sobre o assunto. Não me lembro de a fase da “lua de mel” ter sido tão boa no passado.

“Só estou pensando demais”, digo, com um suspiro.

“Você é assim. É o que faz ser bom no seu trabalho. Mas, na atual circunstância, a garota poderia peidar lixo tóxico e te obrigar a usar máscara e você ainda acharia fofo. É uma fase.”

Ela ri e aperta meu ombro, depois vai embora. Recebo uma notificação de mensagem e pego o celular.

LANA: Sua cueca é bem confortável.

EU: Você está usando? Nem percebi que tinha deixado aí.

LANA: Pensei que tivesse feito de propósito. Pra ter um motivo pra voltar.

EU: Eu já tinha um motivo pra voltar.

LANA: Então agora tem dois...

A última mensagem vem acompanhada de uma foto dela da cintura para baixo. É mesmo a minha cueca. Passo a mão pelo cabelo, odiando o fato de que, pela primeira vez, preferiria não estar no trabalho. Sempre amei o que faço, mas agora uma garota que mal conheço me deixa tentado a ir para casa alegando doença.

EU: Fica com ela. Volto hoje à noite, pra ver pessoalmente.

LANA: Sorte a sua eu não ter nada programado. E estarei usando só a cueca quando você chegar.

Com um gemido frustrado, deixo o celular de lado e analiso as pistas novas. Os contatos que recebemos pela linha direta ficam cada vez mais ridículos. O caso do Bicho-Papão está esfriando tanto quanto o dos assassinatos com mutilação.

Tenho muito outros casos parados, na ausência de novos assassinatos. Os criminosos que matam uma ou duas vezes ao ano

são muito mais difíceis de pegar. O único caso quente que tenho em mãos é um que envolve roubo e assassinato.

Eu me dedico ao trabalho, seguindo as pistas, examinando as mesmas fotos de sempre. Duas horas depois, estou diante do mural, ainda tentando entender o que torna as mulheres um alvo.

Nenhuma é rica. Elas vêm de famílias muito diferentes. São de etnias diferentes. Têm cabelo de cores diferentes.

São todas atraentes, mas não há estupro. Impotência é uma possibilidade, mas... tem outra coisa motivando o criminoso. Um motivo que o levou a selecionar e perseguir essas mulheres em particular.

Eu me concentro em seus olhos, depois em seus narizes, depois em suas bocas... Algo se encaixa, e meu coração acelera.

Assim que Hadley entra, eu a seguro pelo punho e estreito os olhos para uma prova que ainda não tínhamos compreendido.

“O laboratório analisou a argila que você encontrou no apartamento, certo?”, pergunto, absorto em pensamentos.

Ela confirma com a cabeça. “Analisou, mas não tinha nada de especial nela. É do tipo que se compra em qualquer loja de artesanato. Ninguém sabe pra que era. Não foi encontrada na vítima ou em qualquer outra parte do apartamento. Achem que pode ter sido trazida pelos sapatos ou pelas roupas do criminoso.

“E os rostos tinham sido todos limpos e alvejados com cuidado. Os cabelos foram raspados e a cabeça limpa e alvejada”, afirma, ainda seguindo a linha de raciocínio.

“Isso... Por quê?”

Olho mais adiante, para onde está Donny.

“Donny, procure galerias de arte na área em que ocorreram os roubos e assassinatos.”

Ele parece perplexo, mas começa a digitar.

“Hadley, preciso que você entre em todos os sites de venda de arte que conseguir encontrar e verifique se tem alguém vendendo esculturas de rostos em bronze. Se concentre nas que começaram a vender nos últimos quatro meses, quando os assassinatos ocorreram”, eu digo, indo até a mesa de Donny.

Hadley continua parada sem entender.

“Agora!”, eu insisto, e ela vai depressa para sua mesa.

Quando chego atrás de Donny, ele digita furiosamente. “Tem quatro na região. Nenhuma vende esculturas de bronze de rostos”, ele diz, franzindo a testa. “Ou a instrução era só para Hadley?”

“Ligue para as galerias e pergunte se alguém andou oferecendo esculturas de bronze. Só de rostos.”

Ele pega o telefone para fazer o que pedi, e eu volto para meu computador e abro o programa de que preciso. Insiro as fotos das vítimas e, após alguns cliques, minhas suspeitas são confirmadas.

“Simetria”, digo, soltando o ar devagar.

“O quê?”, Craig pergunta, vindo olhar por cima do meu ombro.

“Ele escolhe vítimas com rosto simétrico. Perfeitamente simétricos, o que supostamente é muito raro, se não impossível. O criminoso usa o rosto delas como molde. Deve estar tentando vender esculturas e deve ter uma fixação por pessoas com rosto simétrico. Principalmente mulheres. E talvez tenha uma fixação em Da Vinci também.”

Passo os olhos pela sala e encontro Lisa cortando as unhas.

“Lisa, procure qualquer pessoa na área em que o criminoso age que tenha comprado livros sobre Da Vinci ou reproduções do trabalho dele. Se concentre no *Homem vitruviano*. O criminoso talvez seja obcecado pela obra.”

“E por que você acha isso?”, Craig pergunta, confuso.

“Intuição. Já resolvemos muitos casos com base na minha

intuição.”

“É, e é por isso que você vive sendo promovido. Mas que caralhos Da Vinci tem a ver com argila, roubos e cabeças raspadas e alvejadas?”

“O alvejamento é uma medida antifofoense, assim como raspar todo o cabelo. Ele está removendo qualquer traço de argila no corpo. O cabelo provavelmente está sendo guardado para a escultura também. Nem todos os artistas sabem pintar ou desenhar.”

“Continuo sem entender”, Craig diz.

“Da Vinci não ficou famoso apenas por seu intelecto e suas pinturas. Ele criou esculturas enormes, que deixam os historiadores loucos. Primeiro, Da Vinci desenhava, depois fazia um molde com argila ou cera de abelha, as versões variam. Então criava uma obra de arte com bronze fundido. O que estamos procurando é um homem obcecado por Da Vinci e simetria, mas que não sabe desenhar ou criar do zero.”

“Nada”, Hadley diz, parecendo frustrada. “Precisa mesmo ser bronze? Não tem nada em bronze”, ela pergunta.

“Precisa”, digo, convencido de que estou no caminho certo. “Isso explica os roubos. Ele vende o que rouba para comprar bronze, que não é barato.”

“Já vasculhamos casas de penhores e sites que pudessem estar vendendo os artigos roubados”, Donny lembra.

“Proprietários escusos não dariam a mínima para nossas perguntas e mentiriam para não perder sua possibilidade de lucro. Se o criminoso pensou em usar medidas antifofoenses, então também pensou bem em para quem ia vender os artigos.”

Donny retorna a suas ligações, e eu faço algo que provavelmente não vai ajudar. Entro no site de compras, vendas e trocas de Lana.

Ontem à noite, ela mencionou que mantém os anúncios no site por um mês com um aviso de VENDIDO para evitar perguntas quanto a onde o artigo tinha ido parar.

Reviro a seção de joias, que é o que o criminoso rouba com mais frequência. Não encontro nada. Talvez eu só esteja procurando por uma desculpa para falar com ela. Porque estou caidinho por ela e sou patético.

“Consegui!”, Donny diz, chamando a atenção de todos, depois volta a falar ao telefone. “Show. Ele deixou um número de telefone ou um endereço de contato?”

Todos nos levantamos enquanto Donny rabisca algo. Visto o casaco e o coldre. Parece que vou precisar da minha malinha de novo. Por sorte, mantenho várias trocas de roupa nela.

Ele desliga e me entrega o papel.

“Um cara foi a dois dos quatro negócios deles tentando vender uma coleção ‘em andamento’ de cabeças de bronze.”

“Parece que vamos ter que ir a Nova York”, Craig diz, me olhando como se eu fosse a porra de um unicórnio. “E na porcaria do helicóptero, porque o jatinho está sendo usado. Por que não temos um jatinho particular, como nos filmes?”

Hadley desdenha daquilo, e o pessoal fica debatendo esse assunto enquanto pego o celular para fazer uma ligação decepcionante.

“Sim, ainda estou usando sua cueca. E tomando sorvete”, Lana diz, toda animada.

Odeio que isso tenha acontecido agora. Em geral, fico muito mais animado quando tenho uma revelação em um caso.

“Bem que eu queria poder ver”, digo, enquanto pego meu colete a prova de balas e outras coisas de que posso precisar e enfio tudo na mala.

“Você vai ter que cancelar”, ela diz apenas, com uma voz

desprovida de qualquer emoção que eu possa ler.

“Desculpa.” Tenho a sensação de que vou me acostumar a dizer isso se ela continuar por perto por tempo o bastante. “Avançamos em um caso. Ou pelo menos espero que sim. Vou ter que viajar agora mesmo.”

“Não precisa pedir desculpa, Logan. Você tem um trabalho, e um trabalho importante. Admiro você e admiro o que faz. Você tira monstros das ruas, e acredito que seu interesse seja mesmo pegar o cara certo, e não apenas ter mais alguma coisa para colocar no seu currículo.”

É algo estranho a se dizer.

“Meu interesse é em pegar o cara certo, claro. Como assim?”

“É só que... estudei vários casos antigos na faculdade. Fiz algumas aulas de criminologia. E fiquei com a impressão de que várias detenções eram apressadas, só para fechar os casos e acrescentar outra estrelinha dourada na reputação dos envolvidos. Se os assassinatos parassem, as pessoas presumiam que o assassino estava preso. Se os assassinatos continuassem, diziam que era um imitador em vez de reconhecer a possibilidade de que o caso havia terminado com o suspeito errado atrás das grades.”

Não sei a que casos ela se refere. A reputação do FBI não costuma ser maculada nas aulas de criminologia. Na verdade, costumamos ser muito elogiados.

“Você estudou criminologia? E não trabalha na área?”

“Decidi que não tinha estômago pra coisa”, ela diz. “Sangue e entranhas não são para mim.”

Se tem estômago fraco, ela não parece mesmo apta a lidar com as merdas que já vi.

“Você vai conseguir mandar mensagens ou ligar enquanto estiver fora?”, Lana pergunta, esperançosa.

“Claro. Provavelmente vou mandar uma mensagem ainda do helicóptero, me desculpando outra vez.”

“Você não precisa pedir desculpa, de verdade. Nunca. Você está fazendo a diferença. Eu teria que ser muito egoísta para esperar que você ficasse comigo quando alguém precisa ser salvo. Agora vá ser incrível e me manda mensagem quando puder.”

Paro e me recosto na parede da escada, sorrindo para o nada.

“Eu já te disse que você é perfeita?”

Ela ri, depois tosse para disfarçar. “Sou o oposto de perfeita, acredite em mim.”

“Ah, é? Será que vou ver suas falhas um dia então?”

Lana fica em silêncio por tanto tempo que verifico se a ligação não caiu. Finalmente, ela responde. “Espero que esse dia nunca chegue”, ela diz baixinho. “Agora vá pegar o vilão. Você pode me dizer pra onde vai? Assim posso ver se você aparece no noticiário local. Você disse que às vezes aparece. Mas, se for contra as regras, esquece. Eu nunca pediria que você...”

“Vou pra Nova York. Deve aparecer nos principais canais, se eu estiver certo. Uma oportunidade dessas é rara, mas posso estar errado também. Estamos agindo com base em um perfil que tracei agora mesmo. E, só pra você saber, eu não deveria contar pra ninguém aonde vou.”

“Então por que contou?”, ela me repreende.

“Porque quero que você seja *alguém* um dia.”

Não digo que fiz uma pesquisa minuciosa para garantir que ela não era uma infratora nem nada do tipo. É melhor começar logo com o lance da confiança.

“Bom, um dia, espero ser alguém. Até lá, não me conta nada que você não pode contar.”

“Por quê?”, pergunto, surpreso que ela esteja brava com a

situação.

“Porque respeito você. E nunca quero que pense que espero mais do que deveria. Nossa relação tem a ver com a gente, e não com seu trabalho. Por favor. Prometa que nunca vai me contar nada que não deveria.”

Pois é... ela é mesmo perfeita.

“Beleza, linda. Mantenha minha cueca quentinha. Escrevo ou ligo depois.”

“Logan?”

“Oi?”

“Volta inteiro, não importa o que você tiver que fazer pra garantir isso. É a única coisa que eu espero de você. Que sobreviva.”

Um sorriso lento ergue os cantos da minha boca. “Isso eu posso prometer.”

A verdade é o que sobrevive ao teste da experiência.

Albert Einstein

LANA

“Você está saindo com a porra de um agente do FBI?”, Jake grita, e eu gemo e afasto o celular da orelha enquanto estaciono em frente ao restaurante do outro lado da rua em relação ao prédio onde Tyler está.

Estou morrendo de fome e não temos como ver lá dentro, então vou esperar aqui, onde ele fez reserva para o almoço.

A peruca loira está me matando de coceira, e tenho certeza de que meu batom vermelho está chamando a atenção. Junto com os óculos escuros e um vestido colado ao corpo, não pareço em nada com Lana Myers, só para garantir.

“Já expliquei como aconteceu”, digo a Jake, arrependida de ter me confessado.

“E você está em Nova York, e por acaso *ele* também.”

“Estou aqui porque Tyler está. Ele veio do nada, e fiquei com medo de que fosse encontrar Lawrence, que é o próximo alvo e também está em Nova York. Ele fez reserva para dois, Jake.”

Jake solta o ar devagar. “Nova York é bem longe da Virgínia Ocidental. O que ele está fazendo aí?”

“Não sei. Ele entrou no mesmo prédio onde Lawrence trabalha.”

“A imprensa ainda não sabe de nada.”

“Tá, mas isso não quer dizer que eles não ficaram sabendo dos amigos assassinados recentemente.”

Jake fica em silêncio, e eu olho para o restaurante. Fiquei sabendo da reserva que Tyler fez pelo celular clonado, mas ele não tem trocado mensagens com Lawrence. Não sei com quem está falando.

“Jake? Você continua aí?”

“Não”, ele diz, e a voz soa abafada. “Estou do seu lado.”

Olho pela janela e dou com um cara de cavanhaque, óculos escuros e... algo que parece muito com o tipo de bengala que pessoas com deficiência visual usam para se localizar. Ele descoloriu o cabelo.

Acho que estamos ambos disfarçados.

Saio do carro e ergo uma sobancelha para ele. “Vamos nessa?”

Ele ri, mas depois seus lábios se afinam.

“Então você decidiu vir a Nova York sem me avisar?”, pergunto, cruzando os braços.

Jake dá de ombros. “Foi meio o que você fez também. Temos o mesmo telefone, lembra? Eu sabia que você viria.”

Ele aponta para mim.

“E não pensa que vou esquecer que você está namorando um cara do FBI. A conversa foi interrompida, não encerrada.”

Gemo, mas ele sorri quando oferece o braço para que eu o pegue.

Jake está todo chique de terno. Do jeito que estou vestida, pareço uma prostituta de luxo que ele contratou.

“Você está linda, aliás”, ele sussurra enquanto me guia pela calçada.

“Um belo elogio vindo de um cara que deveria ser cego”, aponto, com um sorriso doce.

Ele reprime um sorriso quando entramos. “Fizemos reserva em

nome de Demarco”, digo à mulher que vem nos receber. “No terraço, já que o dia está lindo hoje.”

Tyler reservou uma mesa no terraço também.

Ela sorri para mim e me trata como se eu não parecesse uma prostituta acompanhada. “Claro. Por aqui”, ela diz, evitando me chamar de sra. Demarco, caso seja o sobrenome do meu *date*, mas não o meu.

Eles devem estar acostumados com esse tipo de coisa.

“Você está me fazendo parecer uma prostituta”, sibilo para Jake.

Ele disfarça uma risada tossindo, e eu preciso me segurar para não chutá-lo com meus sapatos de salto alto.

“Tenho certeza de que você pareceria sem mim também. Estava tentando chamar a atenção?”

“Estava tentando parecer alguém completamente diferente”, sussurro.

“Bom trabalho.”

“Rá”, resmungo, enquanto a mulher nos mostra nossa mesa.

Dá para ver seus dentes bem brancos quando ela abre o sorriso de aparência mais genuína que já testemunhei. Talvez só seja simpática e animada.

“Alguém já vai vir atender vocês. Bom almoço”, a mulher diz, sem chamar ninguém de Demarco.

Ela vai embora, e minha atenção se concentra em Jake. Seus óculos são bem escuros, de modo que não é possível ver seus olhos, permitindo que ele olhe para onde quiser sem que ninguém note.

“Boa ideia”, comento, simulando um sotaque sulista, e ele sorri.

“Imaginei que você fosse gostar”, Jake diz, ajustando os óculos para ser enfático.

Nossa mesa é afastada o bastante para que possamos conversar

sem que ninguém nos ouça, porém olho em volta em busca de câmeras.

“Duas em cima da gente”, Jake diz, sabendo muito bem o que estou procurando. “Para mim, o som das rolinhas cantando é como o de um alarme disparado.”

Então precisamos falar em código ou trocar mensagens. Entendido.

Elas devem captar som, para Jake estar indicando que é melhor ficar em silêncio.

“É verdade. Tem duas rolinhas ali. Nunca entendi como você faz isso”, digo, mantendo o sotaque sulista com o qual agora tenho que me comprometer.

“Continuo amando seu sotaque”, ele diz, sorrindo.

Cretino.

Dou uma olhada bem quando Tyler entra, e meu estômago se revira quando confirmo que Lawrence está com ele. Os dois se sentam duas mesas adiante, e Jake me passa alguma coisa por baixo da mesa. Assim que a toco, sei exatamente do que se trata.

Finjo que meu brinco saiu do lugar e ergo a mão para ajustá-lo sob os cabelos loiros e compridos, que escondem minhas orelhas totalmente. O que faço, na verdade, é colocar no ouvido o dispositivo que Jake acabou de me passar.

Acaricio sua mão como uma prostituta afetuosa e finjo que ele tem toda a minha atenção. “Vai me contar tudo sobre o seu dia depois que comermos?”, ele pergunta, sempre falando em código.

“Claro que sim, meu bem.”

Jake precisa se segurar para não rir. Meu sorriso desaparece quando percebo que Tyler e Lawrence conversam baixo.

O dispositivo amplifica o som do alvo para o qual está direcionado, então mantenho a cabeça virada para Jake, como se o

olhasse com carinho.

“Tem que ser o Dev, cara. Quem mais ia querer fazer alguma coisa com a gente por conta do que aconteceu aquela noite?”, Tyler diz.

Então *é* por minha causa que eles se encontraram. O segredo acabou.

“De jeito nenhum”, Lawrence discorda, desdenhoso.

“O cara surtou dias depois, disse que a gente tinha ido longe demais. Ele chorou, porra. Como uma garota. Disse que a gente era doente por causa do que fez. É ele. O puto pirou de vez e agora está fazendo isso. Se considera inocente porque não sujou o pau aquela noite e está pegando a gente um a um.”

De canto de olho, percebo que Lawrence balança a cabeça. Subo e desço a mão pelo braço de Jake, fingindo estar perdida em pensamentos enquanto leio o cardápio alto para ele, mas minha atenção continua concentrada na conversa dos outros dois.

“Não. Não é o Dev. Falei com a irmã do cara, e ela disse que ele passou os últimos dois meses no México, em uma missão religiosa.”

Para ser sincera, Dev é o único que ainda não sei como tratar. Porque só ele demonstrou remorso e foi meio que forçado a estar presente naquela noite. Não estou dizendo que o cara é uma vítima, de modo algum. Ele poderia ter dito alguma coisa... qualquer coisa.

No momento, ele não está lista dos que vou matar. Mas está na lista dos que terão os dez dedos arrancados.

Jake se cansa de não ouvir nada, então levanta discretamente a mão e coloca um dispositivo em seu ouvido também. É pequeno o bastante para não ser visto a menos que alguém olhe diretamente

para a orelha dele. Ainda assim, a pessoa poderia imaginar que se trata de um aparelho auditivo, em vez de um dispositivo de escuta.

“Tô te dizendo que não foi ele. Acredita em mim. O cara nem deve ter ouvido nada a respeito. E Melissa mandou fotos dele na tal da missão. Ela tem recebido mensagens diárias dele com as novidades”, Lawrence insiste.

“Não acha que a Melissa está acobertando o cara? É a irmã dele, porra.”

“Ela é a fim de mim desde pequena. Tenho certeza de que isso já teria passado se Melissa tivesse alguma ideia do que fizemos. A menos que ela curta esse tipo de coisa. E, nesse caso, ela entregaria o irmão. De qualquer forma, Melissa não está acobertando o cara.”

“Acho que foi ele. Quem mais poderia ser?”

Lawrence olha em volta, demorando-se em nossa mesa por um segundo passageiro e depois continuando a observar as poucas pessoas no terraço. Então volta a se concentrar em Tyler.

“Não foi o Dev. Quem foi que você acha que colocou o cara na linha na noite em que ele surtou?”

Tyler parece confuso.

A garçonete vem trazer o pão e Jake faz o pedido. Tenho dificuldade de ouvir com tantas pessoas falando ao mesmo tempo e tão perto. Eu me esforço para não perder nada enquanto mastigo um pedaço de pão, ainda que tenha perdido o apetite.

“O que você fez?”, ouço Tyler perguntar.

“Eu disse que o que aconteceu com Victoria aconteceria com Melissa se ele dissesse uma palavra sequer. Depois, eles deixaram a cidade, e Dev começou a pregar o evangelho. Como penitência. Esse cara não está matando ninguém, porra”, Lawrence sibila.

Com isso, talvez ele tenha salvado os dez dedos de Dev.

E a língua. Eu ia cortar a língua dele também. Ia criar uma nova

categoria de lista especialmente para o cara.

“Então quem pode ser?”

“Acho que é óbvio, não?”

“Não.”

Lawrence dá um tapa em sua cabeça, como se estivesse exasperado. Os dois agem como se fosse uma conversa normal para um almoço tardio no terraço de um restaurante. Imagino que tenha sido por isso que escolheram um restaurante cujo terraço não é muito popular.

Lawrence divide o apartamento. Tyler tem esposa. Dá para entender por que não estão tendo essa conversa na casa de um dos dois, mas por que não ao telefone?

“A cidade inteira ficou com raiva deles depois do que o pai fez. Pensa na única pessoa que não ficou. Dica: o pai dessa pessoa era advogado do pai deles.”

Tyler balança a cabeça na mesma hora.

“Não. Vi Jacob dois anos atrás. A gente se trombou em um lance do trabalho, e ele me cumprimentou normal. Até me disse pra ligar pra marcar alguma coisa. Se ele soubesse, teria pelo menos acusado o golpe. Tenho certeza de que os dois morreram antes que Jacob descobrisse a verdade. E ele saiu da cidade logo depois, então não deve ter ouvido nenhum boato.”

Lawrence se recosta, parecendo confuso. Jake aperta minha mão um pouco forte demais.

Eu me lembro do encontro. Jake mexe com computadores como freelancer, e na época Tyler trabalhava perto de onde Jake mora agora. Jake fez das tripas coração para não matar o cara, mas ele sabia que tínhamos um plano, sabia que a vingança devia ser minha. Também sabia que tinha um papel a desempenhar: de ser o

cérebro do negócio. Enquanto cabia a mim ser o pior pesadelo dos caras.

“Fora que agora”, Tyler prossegue, “ele usa cadeira de rodas. Por causa de um acidente de moto, alguns anos atrás.”

Jake cutuca meu pé com o seu, com um sorriso calculado nos lábios. A gente pensou em tudo.

“Não sei quem mais ficaria puto por causa da filha vadia e do filho viado de um estuprador”, Lawrence diz, com frieza.

Meu estômago se revira ao ouvir como ele se refere ao meu irmão. Um cara bom, honesto, forte, amoroso e incrível, que não merecia ser mutilado e... Muita coisa aconteceu sem que ele merecesse.

Por causa deles, fiquei sozinha. Por causa deles, o melhor cara que já existiu na face da Terra morreu antes de poder iluminar o mundo com seu sorriso.

E eles acham que tudo bem só porque meu irmão era gay. E eles acham que tudo bem, porque eu havia transado com dois caras antes daquela noite.

Eles acham que isso torna aceitável nos punirem tão brutalmente por amar nosso pai...

Jake pigarreia, e percebo que sou eu quem está segurando sua mão forte demais agora. Minhas unhas estão cravadas em sua pele.

Deixo de apertar tão forte e continuo ouvindo. Eu me pergunto quanto mais aguento sem cortar o pescoço dos dois agora mesmo.

Lawrence talvez morra antes do planejado. Talvez eu o amarre com Tyler e deixe os dois chorando juntos enquanto faço pedacinho deles.

“Talvez não tenha nada a ver”, Lawrence diz então, dando de ombros. “Não deixa ninguém entrar em casa por um tempo e diz pra sua mulher fazer o mesmo. Vou instalar um sistema de

segurança no meu apartamento. Você deveria fazer o mesmo. Não que importe. De acordo com meu pai, estão deixando o cara entrar. Nunca há sinais de arrombamento.”

“Merda”, Tyler sibila. “Tá. Vou instalar alguma coisa.”

Fechaduras sem chave são minhas melhores amigas. É fácil pegar o código sendo digitado pela câmera. Também é fácil pegar um molho de chaves e fazer cópias no caso de fechaduras tradicionais. Parece mesmo que sou convidada a entrar.

Outra coisa que os distancia do rastro da garota morta.

Ele pega um pedaço de pão, e percebo que estou tonta. É a primeira vez que ouço os caras falando sobre o assunto sem implorar por perdão. Em geral, só vem à tona quando já estou com minha faca contra sua pele.

Os caras não têm coragem de dizer esse tipo de coisa quando eu os faço chorar, pedir misericórdia, suplicar por suas vidas. Nunca tive tanta vontade de chegar à parte divertida quanto agora.

A conversa passa aos melhores sistemas de segurança disponíveis, e eu tento me acalmar para não cortar a garganta e o pau deles no meio do restaurante.

“A gente devia comprar dois passarinhos para a casa nova. O que acha?”, Jake pergunta, aparentemente pensando o mesmo que eu.

“Acha que conseguimos tão em cima da hora?”, pergunto, com um sorriso doce no rosto, embora sinta o gosto potente da vingança na língua.

“Acho que sim. Talvez em mais uma semana, no máximo. Talvez dê pra encontrar um lugar melhor para eles, para garantir.”

Tem um abrigo atrás da casa antiga de Tyler, que continua à venda. Eu poderia deixar os dois ali, e Jake poderia garantir que nenhum corretor me pegasse matando dois caras de uma só vez.

“Não estou com tanta fome quanto pensei que estava, linda”, Jake

me diz quando a comida chega.

“Eu também não”, digo, garfando minha carne com muito mais força do que necessário.

Tyler e Lawrence não dizem mais nada que valha a pena ouvir. A maior parte do que ouço são pessoas apostando entre si se sou uma prostituta ou não.

Quando Tyler faz menção de ir embora, Lawrence o impede.

“Arranja um celular descartável, que nem o meu. Se algo surgir, me liga dele. Sem ligações pessoais. Entendido?”

Então Lawrence tem um celular descartável? Como deixamos isso escapar?

Tyler faz que sim, e Jake e eu nos entreolhamos.

“Se descobrirmos quem é e resolvermos o problema, não pode haver nada que aponte para nós. Entendido?”, Lawrence pergunta.

“Quero só ver algum puto tentar vir atrás da gente”, Jake sussurra.

Meus lábios se retorcem. Nunca estive tão a fim de matar alguém.

Esperamos um tempo depois que Tyler vai embora para nos levantarmos. Quando passamos pela mesa de Lawrence, ele agarra meu pulso. Meu estômago se revira e meu coração dispara, e luto contra meu instinto para não cortar a garganta dele ali mesmo.

Olho feio para ele.

O desgraçado me oferece uma piscadela e um cartão, que eu pego, em uma tentativa de me livrar logo dele.

“Me liga. Uma garota como você precisa de alguém que possa apreciar a visão.”

Com um sorriso esplêndido e uma piscadela, volto a andar, me soltando com delicadeza. Ah, ele vai ter uma bela visão. Vou pintar

as paredes com seu sangue e o sangue de Tyler para que vejam enquanto os deixo sangrando.

Vai ser tão lindo.

Quando chegamos à calçada, tropeço sozinha enquanto observo, incrédula, um SUV estacionar. Solto o ar e me aproximo de Jake, ficando praticamente colada nele, quando Logan sai.

Nova York é uma cidade grande demais para que isso aconteça.

Tem um food truck parado, e Logan e o sr. Babaca se dirigem a ele, os dois sorrindo como se estivessem tendo um ótimo dia. Usam roupas casuais: jeans e camiseta, em vez do terno típico. Será que perdi alguma coisa?

“Que foi?”, Jake sussurra, olhando para os dois e depois para mim.

“Meu namorado”, sussurro de volta.

Ele exala e diz um palavrão, então me puxa até meu carro (que não está registrado no meu nome nem nada do tipo), estacionado perto demais dos dois. É um dos meus muitos carros “descartáveis”.

O universo está me mandando sinais confusos. Primeiro, salvando os dedos e a língua de Dev. Depois, condenando dois homens a uma morte ainda mais brutal após eu ter descoberto mais do que pensei que descobriria em um único almoço. E agora está me colocando cara a cara com o homem dos meus sonhos?

“Você vai acabar chefiando todo o FBI. Foi simplesmente incrível”, o sr. Babaca diz a Logan, com uma admiração genuína na voz.

“Meu objetivo não é esse. Só fico feliz que a gente tenha conseguido uma confissão. Agora tudo vai andar muito mais rápido.”

O sr. Babaca geme enquanto Jake continua tentando me arrastar na direção do carro. Ainda estou com o dispositivo no ouvido, de

modo que não tenho dificuldade de ouvir a conversa deles, apesar do barulho usual da rua. Isso desde que mantenha a orelha virada para os dois, o que me obriga a andar com a cabeça torta.

“Agora de volta à Rainha do Gelo?”, o sr. Babaca pergunta, sarcástico.

Aposto que é o Carter. Ou era Chris? Craig? Não consigo lembrar o nome dele.

O sorriso de Logan é divino. “Isso. Não precisa ficar com ciúme.”

O cara revira os olhos, mas eu observo a cena como uma menina desfalecendo na calçada, meus saltos altos sendo arrastados. Meu coração foi arrancado momentos atrás, mas só de ver Logan já me sinto melhor.

“Quando você vai?”, o cara pergunta.

“Assim que tivermos certeza de que as provas foram devidamente encaminhadas e estão lacradas e em segurança. Não posso deixar que alguma coisa aconteça.”

“A porra do Da Vinci. As merdas que passam na sua cabeça são assustadoras.”

Não faço ideia do que os dois estão falando.

“Você não sabe nem metade do que eu penso, Craig. Agora vou ligar pra ela. Pede um hambúrguer pra mim.”

Merda!

Coloco o celular no silencioso, odiando ter que deixar que a ligação caia na caixa postal. Jake abre a porta do carro. Entro, tiro o dispositivo do ouvido e sinto um aperto no coração quando Logan liga. Suspiro, deixo o celular de lado e encaro Jake, que olha feio para mim.

“Falamos sobre isso depois. Na minha casa, o mais cedo possível.”

Faço que sim e deixo que ele feche a porta, depois dou a partida.

Tenho duas mortes para planejar, um namorado para ver e um melhor amigo para tranquilizar. Não nessa ordem.

Sou a mulher americana típica.

Ou a psicopata americana típica?

O tempo só existe para que não aconteça tudo ao mesmo tempo.

Albert Einstein

LOGAN

“Então, sua garota é estupidamente rica”, Hadley comenta, sentando-se ao meu lado.

“Você verificou as contas dela?”, pergunto, incrédulo. “Isso é invasão de privacidade!”

“Aff, só dei uma olhadinha. Ela não é suspeita de nada, então não estou infringindo nenhuma regra importante.”

“Só a lei”, afirmo, seco.

Ela sorri. “Fui recrutada por minha habilidade incrível com computadores e capacidade de fechar sites que não deveriam ficar abertos, e me colocaram nesta equipe por minha experiência forense. Não foi nada por conta de uma moral impecável. E só dei uma olhadinha mesmo. Agora, falando sério: a garota é podre de rica. Como é a casa dela?”

Balanço a cabeça, gemendo. Hadley certamente não é uma santa com um distintivo. Ela entrou para o FBI porque sua outra opção era ir para a cadeia.

“Não conta pra mais ninguém o que você fez”, murmuro, concluindo a papelada do caso para mandar para a promotoria.

“Claro que não vou contar”, ela diz, sorrindo. “Mas e aí, como é a casa dela? Estou curiosa.”

“Não é nada de mais. É uma casa branca de dois andares com aparência normal. Não faz muito tempo que ela mora lá, então não tem quadros nem nada nas paredes. O piso é todo de madeira, mas nada de estátuas de mármore ou corrimões dourados, se é o que você está pensando. A entrada lembra um pouco *A lenda do cavaleiro sem cabeça* e destoa da casa em si.”

Ela franze a testa, como se estivesse decepcionada. “Eu queria uma mansão e um lago com cisnes. Pô, de que adianta ter dinheiro e não morar em um lugar legal?”

“Algumas pessoas são humildes, Hadley. Eu nem imaginaria que ela é rica.”

Falar de Lana me faz voltar a pensar nela, bem quando eu tinha conseguido parar. Meu comportamento parece um pouco obsessivo, e não sei se isso me agrada ou não.

Ela não atendeu minhas ligações ou respondeu minhas mensagens o dia todo. Fico surpreso quando uma resposta finalmente chega.

LANA: DESCULPA!!! Dessa vez foi o meu trabalho que atrapalhou. Andei megaocupada e só estava com o celular de trabalho. Acabei de voltar pra cidade.

Eu não sabia que ela tinha um celular de trabalho ou que tinha viajado a trabalho, mas fico aliviado em saber que não estou sendo ignorado.

“É ela?”, Hadley pergunta, me lembrando de que continua por perto.

“Cai fora, Hadley. Ela não tem um lago com cisnes.”

Hadley murmura alguma coisa sobre ser um desperdício, então vai embora, carrancuda.

Começo a responder, então decido que é melhor falar e ligo a caminho do carro.

“Oi!”, Lana diz ao atender, meio sem ar. “Desculpa de novo. Como falei, fiquei megaocupada e estava sem telefone, então...”

“Não precisa pedir desculpa. Só estava pensando em quando posso te ver de novo. Voltei. Resolvemos um caso e ganhei uns dias de folga em recompensa. Por que você está sem fôlego?”

“Acabei de treinar, e estava precisando. Por coincidência, também tenho dois dias de folga. Meu sócio está resolvendo umas pendências pra gente conseguir encaixar um pouco mais de trabalho este mês.”

Ela nunca fala de trabalho, e agora Hadley plantou uma dúvida na minha cabeça. Se Lana é tão rica, por que faz o trabalho braçal? Por que não contrata alguém pra fazer em seu lugar?

“Então vamos poder passar dois dias juntos?”, pergunto, enquanto guardo alguns arquivos na mala.

“Isso. E sua cueca continua aqui. Quando sair do banho, vou colocar de novo.”

“Será que posso ir aí?”

“Era um convite”, ela diz. “Acho que não sou muito sutil, né?”

Sorrindo, entro no carro e engato a ré, pronto para relaxar um pouco. Eu até queria passar em casa para pegar umas roupas, só que demoraria mais.

“Espera! Acabei de pensar numa coisa. E se eu for na sua casa? Você já viu a minha. Me mostra a sua.”

Isso resolve o problema.

“Minha casa não tem nada de especial, mas vou adorar te apresentar o quarto.”

Ela ri baixo. “Talvez eu esqueça minha calcinha pra poder voltar.”

“Não vou usar sua calcinha enquanto tomo sorvete”, brinco.

Adoro como Lana me faz rir.

“Bom saber. Me passa o endereço e eu te encontro depois de tomar um banho. Você está aí?”

“Estou saindo do trabalho.”

“Tá. Então vou me apressar e me arrumar. E fico esperando o endereço, agente Bennett.”

“Voltou a me chamar de agente Bennett?”

“Te chamo de Logan mais tarde”, ela diz, provocando uma reação imediata do membro rebelde que aparentemente esqueceu que estou mais perto dos trinta que dos dezoito anos.

“A gente se vê logo.”

Desligo e mando meu endereço por mensagem. Estou precisando mesmo de um banho, e agora tenho tempo. Decido passar no mercado, assim não precisaremos sair para comer. Temos dois dias inteiros, e tudo o que quero fazer é passar cada segundo saciando meu vício.

Faço compras rapidinho, ponho tudo no porta-malas e corro para casa. Meu celular toca assim que passo pela porta. Gemo ao constatar que é Craig.

“Não me diz que eu já tenho que voltar, por favor.”

“Oi pra você também, agente especial Logan Bennett. Ela deve ter uma boceta de ouro para o viciado em trabalho não querer voltar.”

“Craig, se você quer continuar bonito para as câmeras, sugiro que não se refira mais à boceta de Lana.”

“Beleza. Entendi. Bom, você me disse para ligar se surgisse alguma coisa. Hadley finalmente descobriu o tipo de faca que o Bicho-Papão usa para matar. Vou te mandar uma foto.”

“Obrigado”, murmuro, embora não esteja tão agradecido quanto deveria.

“Relaxa, Logan. Ninguém espera que você volte hoje ou mesmo

amanhã. Você acabou de resolver um caso importante, a tempo de salvar a vida de outra garota. E meio que fez tudo sozinho. Ninguém mais teria chegado a uma fixação por Da Vinci a partir de um pouquinho de argila.”

“Outros fatores apontavam para isso.”

“Sim. A simetria”, ele diz, sem emoção na voz.

“E mais.”

“Bom, vou te deixar voltar aos seus dois dias de paz.”

Craig desliga bem quando recebo uma mensagem de Lana.

LANA: O GPS diz que chego em meia hora. Vou ver se consigo ganhar uns minutinhos.

Respondo com um sorriso no rosto.

EU: Nada de mandar mensagem enquanto dirige.

LANA: Está ameaçando me prender?

Deixo o telefone de lado, rindo. Lana não é distante como pensei a princípio. Talvez seja solitária, mas não distante. Agora eu percebo como é parecida comigo. Solitária, mas não desprovida de potencial.

Depois de guardar as compras, tiro a camisa e faço uma careta quando sinto o cheiro da fumaça do helicóptero em mim. Como só percebi agora que estava fedendo?

Eu me dirijo ao banheiro, mas recebo uma notificação de mensagem. Craig enviou a foto prometida. A faca não tem nada de especial. Pelo menos agora sabemos o modelo e o tipo, e poderemos informar à polícia o que procurar se necessário.

Não se. *Quando*. Vou pegar o assassino.

Avaliar a foto da suposta arma do crime me faz pensar tanto no caso que não me dou conta de quanto tempo se passou até ouvir a batida na porta.

Merda.

Já passou meia hora, e eu fiquei pensando no caso em vez tomar um banho para tirar o fedor do dia.

Troto até a porta, me xingando por dentro o tempo todo. Quando a abro, vejo apenas um borrão de cabelo escuro antes que Lana me ataque, colando seus lábios nos meus.

Não reclamo. Só a absorvo, sentindo seu gosto e o cheiro incrível que... Droga.

Relutante, interrompo o beijo. Ela recua um passo, sorrindo para mim. Amo seu sorriso e como Lana o oferece livremente.

“Estou fedido.”

Ela ri e balança a cabeça. “Você está com cheiro de... Na verdade, não sei do que é esse cheiro.”

“Helicóptero. Vou tomar um banho rápido e a gente recomeça de onde parou quando eu voltar. Fica à vontade. Não vou demorar.”

“Não me importo com o cheiro”, Lana diz, mordendo o lábio inferior de uma maneira que faz meu pau se ressentir de minha higiene.

“Cinco minutos. Não mais.”

Ela pisca com seus cílios longos e sorri enquanto passa os olhos pela minha casa, absorvendo tudo. Meu revólver está em cima da mesa da sala, e ela desvia dali, como se ele a deixasse desconfortável.

“A trava de segurança está acionada”, digo, piscando para Lana antes de ir para o chuveiro me lavar rapidamente.

Visto a cueca depois de me secar. Quando volto, encontro Lana na ilha da cozinha, olhando para o arquivo do caso do Bicho-Papão.

“Que pesado”, ela diz, fazendo uma careta. “Foi esse cara que você pegou?”

“A culpa é minha. Eu não devia ter deixado o arquivo assim. Você não podia ter visto isso.”

Lana franze a testa.

“Casos fechados não são confidenciais. Pelo menos foi o que eu li.”

“Casos antigos não são confidenciais. Casos recentes são. E esse caso ainda não foi resolvido. A investigação continua, e eu devia ter sido mais cuidadoso, em vez de deixar os arquivos espalhados assim.”

Ela se afasta com um longo passo e os lábios tensos.

“Desculpa. Eu não sabia. É que vi e... bom, não devia ter lido nada. Desculpa.”

Dou de ombros e a puxo pela cintura na minha direção, por pura necessidade de tocá-la. Não fazia ideia de como estava precisando tocá-la até ela chegar.

“Como falei, a culpa é minha. *Mas*, já que você viu, por que não dá sua opinião?”

Suas sobrancelhas se erguem.

“*Minha* opinião? Minha opinião é de que o cara é doente. Estuprar as mulheres e deixar que sangrem lentamente pelas várias feridas de faca é cruel e... Bom, essa é minha opinião.”

“Quis dizer sua opinião sobre o tipo de suspeito que devemos procurar.”

Lana franze os lábios.

“Não olhei direito.”

Eu a conduzo até o arquivo, espalho a papelada e mostro a foto que recebi há pouco no celular.

“Você falou que ele deixa as mulheres sangrarem em vez de dizer

que ele as esfaqueia até a morte. Isso é importante para o perfil. Então quero saber sua opinião.”

“Não quero meter você em encrenca, Logan. Não me mostra nada que não deveria mostrar. E para de me contar coisas que eu não deveria saber.”

Ela me encara, franzindo um pouco a testa.

“No momento, eles não fariam nada mais grave comigo se descobrissem que revelei detalhes à minha namorada. Eu sou foda. Então lê e me diz o que pensa.”

Por algum motivo, um sorriso se abre em seu rosto. Ela prende o cabelo atrás da orelha e abaixa a cabeça antes de começar a ler.

“Isso te interessa?”, pergunto, lembrando que Lana havia dito que aquele tipo de coisa fazia seu estômago se revirar.

“Você me chamou de sua namorada”, ela diz, baixo.

Meu sorriso se alarga quando me inclino e dou um beijo em seu ombro à mostra, por conta da regata que usa.

“Pra mim, você é.”

Lana pigarreia, e eu endireito o corpo, adorando ver como ela cora.

Seu rosto fica sério enquanto avalia o arquivo, absorvendo os detalhes, relendo-o rapidamente.

“À primeira vista, parece um número de facadas exagerado para matar alguém. Mas são todas superficiais, nenhuma letal por si só. O cara provavelmente esfaqueia as mulheres enquanto as estupra, enfiando a ponta da faca apenas o suficiente para tirar sangue. As feridas vão ficando cada vez mais profundas, o que é parte do barato para ele. Estupro costuma ser uma questão de poder.”

“Estupro é quase sempre uma questão de poder”, concordo. “Ao contrário da crença popular, é muito raro que uma agressão sexual esteja relacionada a um desejo sexual.”

Ela assente, distraída, e eu noto a distância em seus olhos. “O cara é um sádico. Provavelmente não consegue atingir o orgasmo sem infligir esse nível de dor. A impotência deve ter sido um fator que contribuiu para o surto psicótico. Talvez ele tenha deparado por acaso com a sensação de euforia e passou a matar mulheres. O poder dá o barato e a dor o faz gozar.”

Quando Lana exala, noto suas mãos trêmulas e penso em me desculpar. É evidente que ela não aguenta esse tipo de coisa, e foi burrice minha envolver uma civil cuja sensibilidade ainda não se perdeu a ponto de ver apenas cadáveres, e não pessoas que sofreram uma violência implacável.

Ela fala antes de mim, no entanto.

“O cara deve passar despercebido ao mundo. Provavelmente é um membro da classe trabalhadora que não chama nenhuma atenção. Deve ser antissocial, considerando a dificuldade de lidar com sua impotência. Ele deve ser retraído, porque tem a sensação de que está em falta, se sente castrado. Agora desfruta das sombras onde vive, porque permitem que cace sem ser notado.”

Lana é boa mesmo.

Ela vira uma folha. “No começo, havia muita raiva... De novo, por causa da impotência. Agora, há um método e um controle em sua psicose. Ele vai desenvolver um complexo de imortalidade e se sentir intocável. Eu diria que é um homem branco entre vinte e cinco e quarenta anos. Destro. Perfeitamente capaz de se misturar com as pessoas comuns. Deve trabalhar com faxina.”

Franzo as sobrancelhas.

“Você acertou na mosca até a parte da faxina. Imaginamos alguém que trabalhe na polícia ou com segurança, porque ele consegue entrar nas casas sem esforço. As câmeras dos prédios são sempre desligadas antes.”

Lana balança a cabeça. “O cara pode entender de segurança, como a maioria das pessoas que trabalha com faxina. Elas chegam depois que todo mundo já foi embora e passam longas horas conversando com vigias noturnos e lidando com questões de bastidores que ninguém mais vê.”

Estreito os olhos para ela, avaliando seu rosto até que me encare.

“Por que está tão segura disso?”

Lana sorri e desliza uma folha na minha direção. “Pelo modo como ele limpou os rastros. As cenas dos crimes ficaram um brinco.”

“São medidas antiforenses”, aponto. “A maior parte dos assassinos faz isso.”

Ela assente. “Eu disse pelo modo *como* ele não deixa rastros, e não pelo fato de que ele não deixa rastros. Ele não só limpou. O cômodo ficou impecável. Cada superfície é limpa com o produto apropriado.”

Lana indica um ponto em uma foto. “Ele usou limpa-vidro nessa janela. Não ficou nenhuma marca, enquanto as outras estão sujas.” Depois indica outro ponto. “O chão foi limpo com um produto para piso de madeira. Não há nenhuma mancha.” E outro. “As mesas foram lustradas com lustra-móveis. Nenhuma mancha.”

Enquanto minha cabeça se atém a fatos que eu deveria ter notado, ela continua falando.

“Meu pai era... hum... amigo de um zelador quando eu era mais jovem. Vira um hábito, quase uma compulsão, usar o produto certo em cada superfície, depois de tantos anos treinando a mente para saber usá-los. No seu lugar, eu procuraria por empresas de limpeza na área e verificaria se ela é terceirizada nos prédios onde ocorreram os crimes.”

Puxo o papel e passo os olhos pelos fatos. “Entrevistamos todos

os funcionários e verificamos seus antecedentes”, digo, distraído. “Chegamos a atribuir a limpeza tão meticulosa a TOC, mas acabamos descartando a possibilidade com base no fato de que o número de facadas variava e o criminoso ignorava os outros cômodos.”

“Muitas empresas de limpeza pagam em dinheiro porque é difícil reter os funcionários. Algumas têm uma política de não fazer muitas perguntas, porque precisam contratar quem quer que aceite o trabalho. A maior parte da grana fica com a empresa. Os trabalhadores ganham migalhas em comparação. Pagar por fora é uma maneira de atrair as pessoas, porque assim elas podem se esquivar dos impostos e se esquivar de pagar benefícios. Mas ninguém quer falar sobre isso, claro.”

“Você é um gênio, porra”, digo.

Pego o rosto dela nas mãos e a beijo com vontade, muito embora também tenha vontade de esganá-la.

“Agora preciso fazer uma ligação”, murmuro, sentindo o sorriso de Lana em meus lábios.

“Vai lá. Pega o cara. Talvez seja isso mesmo e você consiga impedir que ele volte a matar.”

Relutante, pego o celular e ligo para Hadley. Ela vai me matar.

*Temos que fazer o melhor que podemos. É nossa responsabilidade
sagrada enquanto seres humanos.*

Albert Einstein

LANA

Não vou mentir, dizendo que não é hipocrisia torcer para que Logan pegue o psicopata que estuprou e matou todas essas mulheres. Ao mesmo tempo que torço para ele nunca me pegar por torturar e matar uma série de homens.

No entanto, a sensação de ouvi-lo contar todo animado a alguém sobre a nova pista é boa. Fico preocupada e chocada quando ele diz a Hadley que a sugestão foi minha. Ele não deveria contar que foi sua *namorada* que apontou a direção de um caso do qual não deveria saber nada.

Talvez seja o fato de Logan estar me chamando de qualquer coisa *dele* que me provoca esse friozinho na barriga. E o modo como ele parece orgulhoso de mim faz com que eu me sinta... *bem*. Essa palavra de novo.

Meu celular toca enquanto ele fala ao telefone, e eu saio para atender quando constato que é Jake. Fico de olho na janela, de olho em Logan.

“Oi. E aí, teve sorte?”

“Tive muita sorte. Odeio antecipar as datas como vamos fazer, mas vou te ajudar nessa.”

Ergo as sobrancelhas, surpresa.

“Pessoalmente? Você vai fazer isso também?”

“Só desta vez. Por segurança.”

“Não. Você não vai conseguir. Você vomitou quando tentei entrar em detalhes, Jake.”

“Você não faz ideia de como eu queria ter sua capacidade de matar sem hesitar”, ele diz, baixo, com a voz tensa.

“Mas você não tem”, eu o lembro, ainda de olho em Logan, para garantir que ele não está me ouvindo.

“Não importa. É muito arriscado você se meter nessa sozinha.”

“Não posso falar agora”, digo, quase sussurrando, quando vejo Logan desligar e passar uma das mãos pelo cabelo.

“Merda. Você está com ele? Ainda precisamos falar sobre isso.”

“Mudei a sala do crime para aquele quarto secreto que você construiu para mim anos atrás.”

“Acha que isso basta pra impedir que um cara especializado em perfis descubra que você está matando lentamente os caras de uma lista?”, ele pergunta, seco.

Solto o ar devagar enquanto observo Logan pela janela. Ele olha em volta, depois vai pegar um copo.

“Sabe por que consigo fazer o que faço sem dificuldade?”

“Por causa do que eles fizeram com você”, Jake diz, sua voz mal passando de um sussurro entrecortado.

“Não, Jake. É porque não tem nada em mim além do ódio que me motiva desde que consegui fazer alguma coisa além de ficar encolhida num canto, com medo de que me descobrissem. Nunca pensei que nada mais serviria de motivação. Pensei que, depois que isso acabasse... eu não teria pelo que esperar. Agora... Agora há esperança. Só me dei conta do poder da esperança depois que ele

surgiu de repente na minha vida, como um presente do universo na hora errada.”

Ele solta o ar pesadamente, e meu corpo relaxa um pouco.

“Fico feliz em saber que você tem esperança, Lana. De verdade. Só que... você não poderia ter encontrado isso em alguém sem o poder de te colocar na cadeia?”

A última frase sai em tom de brincadeira, o que não muda a seriedade da situação.

“A gente pensa nisso quando for a hora. Vou tomar cuidado, confia em mim.”

“Se qualquer coisa parecer estranha... se ele em *algum* momento começar a fazer perguntas... Presta atenção no que ele te pergunta. Você sabe o que procurar. Promete que vai fugir se for o caso.”

“Prometo”, digo, sorrindo.

“Você vai me fazer perder os cabelos com essa história”, Jake geme, e eu começo a fazer o caminho de volta.

“Te ligo depois.”

Desligo e volto para Logan. Ele está só de cueca, trabalhando com afinco no liquidificador em uma bebida para nós. Eu me recosto à ilha da cozinha e desfruto da visão.

Logan se vira e me pega olhando para ele, então movimenta as sobrancelhas.

“Você vai ter que ir?”, pergunto, me esforçando desesperadamente para não deixar que a carência transpareça em meu tom de voz.

“Hoje, não. Talvez amanhã, mas hoje, não.”

Sorrio, mascarando certa decepção. Eu queria pelo menos dois dias, mas aceito o que conseguir, porque já é mais do que imaginei que esta vida cruel fosse me proporcionar.

“Você é incrível, sabia?”, Logan diz, se aproximando mais.

Ele esquece o liquidificador e se concentra em mim. Inclino a cabeça para trás, para me oferecer, bem quando Logan se inclina para um beijo longo, firme e fundo. Não tenho palavras para explicar como esse beijo chega perto de tocar minha alma.

Fico quase achando que vai ser capaz de afastar parte da escuridão ali, talvez até lançar alguma luz sobre ela.

Seus braços me envolvem, colando-me a ele, que me levanta para ficar em um ângulo melhor para me beijar, sem precisar se inclinar tanto.

Logan é alto demais, e eu sou baixa demais.

Sorrio contra seus lábios enquanto minhas pernas enlaçam sua cintura. Só interrompo o beijo para absorver melhor a normalidade da situação e desfrutar de cada segundo dela.

“Então já chegamos ao nível de intimidade em que você fica andando de cueca na minha frente?”

Com uma piscadela, Logan me senta sobre a bancada, e eu franzo a testa enquanto desenlaço minhas pernas e ele se afasta. Logan me dá as costas, e eu noto algumas cicatrizes que tinham me passado despercebidas da última vez que o vi nu.

“Do que são?”, pergunto, antes que possa pensar melhor a respeito.

Meus dedos se apressam a tocar a cicatriz semicircular próxima ao ombro. Faço uma careta. Odeio que toquem minhas cicatrizes, mas aqui estou eu, tocando as dele.

Logan não se encolhe como eu faria enquanto meu dedo passeia pela pele marcada.

“Essa é de uma bala, dois anos atrás. Por pouco não pegou no colete. Um centímetro para o lado e eu ficaria só com um hematoma, em vez de precisar remover a bala. Um novato que

revistou a cena do crime e não viu um cara armado escondido no armário. Ele atirou e me acertou, entre outros.”

Outra cicatriz, comprida e irregular, vai da outra escápula até a espinha. Quando passo os dedos por ela, sinto o corpo de Logan se reclinando em minha direção. Bem que eu queria ser capaz de deixar que ele tocasse as minhas. Talvez isso afastasse as lembranças dolorosas impregnadas na pele.

“Essa é de uma facada.” A resposta me faz engolir um nó dolorido. “Eu ainda era inexperiente, e um amigo do cara que fui prender surgiu do nada e me pegou de guarda baixa.”

“Só conseguem te pegar quando você não sabe que estão vindo”, digo, baixo, com uma pontada de orgulho. “Você é forte demais para eles.”

Logan ri e se vira para mim. Perco o fôlego quando ele me agarra pelos quadris e me puxa para si, colocando-se firmemente entre minhas pernas e alinhando nossas melhores partes.

“Gosto que você pense assim”, ele diz, sorrindo, enquanto brinca com a barra do meu short.

Minhas mãos passeiam pelos músculos de seus braços. Logan os flexiona de propósito, e eu reviro os olhos de brincadeira, mas sem desviar o rosto. “Você é forte mesmo. E intimidador. Ninguém te veria como fraco, por isso os caras atacam quando você está mais vulnerável.”

“O cara do armário atirou às cegas”, ele observa.

“Então você não é grande e forte?”, pergunto, e tenho que rir quando Logan me levanta e começa a caminhar comigo.

“Sou forte o bastante pra lidar com você”, ele diz, com um tapa na minha bunda.

“Aposto que dou conta”, digo, com um tom leve, ao mesmo tempo que me pergunto se eu daria conta dele ou não.

“Você pode me mostrar suas habilidades depois”, Logan diz, antes de voltar a me beijar e começar a se dirigir ao quarto.

Decido que não quero saber se daria conta dele ou não. Só quero fingir ser uma garota normal com um cara normal em um relacionamento normal por uma noite normal.

O sol está nascendo, e ri tanto que um lado da minha barriga dói. Nenhum de nós dormiu. Comemos algumas vezes, transamos muito e rimos mais do que eu tinha rido em toda a minha vida. Dormir não era uma prioridade.

Acho que ambos temos medo de fechar os olhos e perder o momento passageiro de perfeição.

Agora, estou estirada no sofá, enquanto ele me conta sobre sua infância feliz, livre de lembranças sombrias.

Meus olhos passeiam pelo cômodo, reparando nas fotos dessa suposta família, da qual ele só fala no passado.

“O que aconteceu? Ou não é da minha conta?”, pergunto, levantando a cabeça para olhar para ele.

Seu sorriso se desfaz lentamente, e eu me odeio por ter perguntado.

“Esquece. Eu não deveria ter...”

“Não tem problema, Lana. Para de pedir desculpa por tentar me conhecer melhor”, Logan diz, voltando a sorrir. Ele afasta o cabelo do meu rosto antes de descansar a mão no meu ombro. “Gosto que você queira saber mais sobre mim além do tipo de camisinha que prefiro.”

Uma risada me escapa. Pelo *nariz*. Vou me matar.

Isso só o faz rir de novo.

Balanço a cabeça e dou de ombros. “Não consigo falar muito do meu passado, então não é justo perguntar sobre o seu”, digo, com um suspiro triste, pesando o clima novamente.

O rosto dele fica mais sério, e sua mão começa a subir e descer pela minha bunda enquanto deito a cabeça em seu peito.

“Me conte o que quiser quando estiver pronta”, Logan acaba dizendo e dá um beijo no topo da minha cabeça. “Entendo que nem todos os passados sejam fáceis como o meu. Quanto aos meus pais... Minha mãe se rebelou um pouco quando estava com uns trinta e poucos e largou um homem bom em busca de sexo selvagem e riqueza. Até então, estava tudo bem. Nunca conheci meu pai de verdade. Só sei que era um militar. Ele mandava algumas cartas e fotos, como se eu quisesse saber que cara ele tinha. Sempre vi meu padrasto como meu pai de verdade. Ele chegou quando eu tinha apenas dois anos e me criou como se fosse seu filho.”

Meus dedos passeiam pelo peito dele.

“Alguma ex com que eu deveria me preocupar?”

Ele parece engasgar com o ar, então ri. “Não. Nem um pouco. Todos os meus relacionamentos terminaram mal. Sou um péssimo namorado, por conta do meu envolvimento com o trabalho.”

Logan geme enquanto passa uma das mãos pelo meu cabelo. Levanto a cabeça e o encaro.

“Não me deixa estragar isso, porque meio que gosto de você”, ele diz, sorrindo para mim.

Aff. Sempre sorrio como uma idiota, não importa o que ele diga. “Meio que gosto de você também.”

Logan acaricia meu lábio inferior, se acomoda e me puxa toda para cima dele. Apesar da firmeza, seu corpo é surpreendentemente confortável.

“E quanto a você? Tem algum ex com que eu deveria me preocupar?”, Logan pergunta, avaliando meu rosto.

Ele sempre avalia minhas expressões. Felizmente, estou acostumada a controlá-las. Para essa pergunta, no entanto, posso dar uma resposta sincera.

“Tive um único relacionamento sério e preferiria tacar fogo no cara a falar com ele de novo. Desde então, nada sério, e isso já faz mais de dez anos. O resto não passou de... experimentos?”

Tá, preciso calar a boca. Estou falando demais.

“Experimentos?”, ele repete, me lembrando de que preciso aprender quando parar.

“Palavra errada. Hum... Tentativas inúteis e desesperadas de sentir alguma coisa, só para constatar que não tinha nada ali.”

Boa, Lana.

“Tem algo aqui”, ele diz, com reverência, sem parar de acariciar minhas costas nuas.

Sorrindo, eu faço que sim. “Com certeza.”

Logan me puxa e seus lábios roçam os meus. Assim que decido aprofundar o beijo, seu telefone toca.

Com um palavrão, ele pega do chão o celular que levou junto conosco para todos os cômodos pelos quais passamos.

“Bennett falando.”

O volume está tão alto que consigo ouvir a mulher falando do outro lado da linha.

“Oi. Surgiram mais alguns suspeitos pra investigar. De fato, todos os prédios contratam a mesma empresa de limpeza. Descartamos os caras da lista inicial rapidinho, então liguei pra empresa e pedi o contato de *todos* os funcionários, lembrando que se não incluíssem aqueles que eram pagos por fora isso configuraria obstrução de

uma investigação do FBI. A lista cresceu, milagrosamente. Dois nomes chamam a atenção pelos antecedentes criminais.”

Então talvez eu esteja certa?

“Nos encontramos em duas horas e vamos pra Boston. Leve a lista pra repassarmos no voo.”

Parece que nosso tempo acabou.

Dá para ver nos olhos dele que também está odiando isso.

Ele tampa o microfone do celular enquanto a mulher do outro lado começa a xingá-lo por ser bom demais em seu trabalho.

“Se eu pegar o cara, vamos ter mais tempo juntos depois”, ele diz, franzindo a testa ao avaliar meu rosto.

Devo parecer decepcionada, então mascaro minha expressão, me aninho nele e beijo seu queixo.

“Vá pegar mais um vilão.”

A mulher do outro lado da linha fica em silêncio.

Logan dá um beijo em minha testa, e eu inspiro fundo seu perfume uma última vez antes que ele se vá. A viagem anterior foi curta. Talvez eu tenha sorte e as coisas corram tão bem quanto da outra vez.

“Você está com sua namorada detetive que ajudou a gente a conseguir os nomes?”, a mulher pergunta ao telefone.

Espero estar errada quando detecto certa tensão em seu tom e torço para que ela não esteja secretamente apaixonada por ele.

“Estou, sim. Vejo vocês em duas horas. E não se esqueça de manter a confidencialidade.”

“Pode deixar, chefe. Só espero que a gente consiga pegar o cretino antes que ele machuque outra mulher.”

Solto o ar aliviada, porque a tensão passou. Acho que eu estava exagerando.

Logan desliga e me dá um de seus abraços incríveis, que eu amo

tanto.

“Assim que eu voltar, juro que vou te levar pra sair de verdade, como prometi tanto tempo atrás. Você merece mais que uma maratona de sexo com comida queimada.”

Ele conseguiu deixar a pizza queimar. Mas achei fofo que tenha tentado cozinhar. Fora que talvez ficasse tudo bem com a pizza se a gente não tivesse esquecido dela e ido para o quarto.

“Fico feliz com comida queimada desde que tenha você só pra mim. Prefiro ter nossa privacidade em vez de perder tempo saindo em público.”

Logan ri, mas estou falando sério.

Sou gananciosa. Eu o quero só para mim.

Ele se arruma depressa, e eu lhe dou um beijo muito mais longo do que o necessário antes de ele partir.

Como Logan vai ficar fora, posso muito bem começar a trabalhar e esquecer o dia de folga.

Enquanto entro no carro, pego o celular e ligo para Jake.

“Ainda está com ele?”

“Estou indo atrás de Lawrence. Você cuida de Tyler.”

Jake está xingando quando desligo, e eu sorrio ao começar a longa jornada para Nova York. Ainda não estudei o dia a dia do cara, mas foda-se. Sou mais forte do que todos eles.

*Não podemos perder a esperança na humanidade, já que somos,
nós mesmos, seres humanos.*

Albert Einstein

LANA

Nova York não está preparada para minha chegada. Já está escuro quando finalmente inicio a tarefa de planejar minha emboscada. Com a cabeça coberta pelo capuz do moletom, entro em um beco.

Becos escuros podem ser perigosos aqui, mas depois de bater a cabeça de um cara contra a parede com força o bastante para fazê-lo desmaiar, a maior parte dos caras mantém distância de mim enquanto espero.

“Oi, linda”, diz um idiota apontando uma faca para mim, com um sorriso que revela seus dentes podres.

Não digo nada.

Acho que ele teve o azar de não ver minha exibição anterior.

O cara dá um passo adiante, e eu abro um sorriso. Por uma fração de segundo, ele parece confuso, e minha mão agarra sua garganta. Um gemido de dor escapa dele, que brande a faca.

Pego seu pulso no ar, torço seu braço e ouço, com satisfação, seu grito cortar a noite. A faca vai ao chão e eu enfio o pé em sua espinha, ainda torcendo seu braço para trás com tanta força que o osso quebra.

Estremeço de prazer ao ouvi-lo gritar e implorar por misericórdia. Claro que não é tão bom quanto ouvir os gritos dos homens que quero ver mortos, porém ainda me dá um barato punir alguém como esse cara, que se aproveita da fraqueza dos outros — ou de quem acredita ser fraco.

Com um golpe duro, a faca corta suas costas, a pele se abre e os gritos ficam mais altos. As pessoas nos evitam, fingindo não ver nada, ao estilo típico dos becos da cidade.

Quando o cara começa a gorgolejar sangue, solto a faca com a mão enluvada e deixo que ele vá ao chão, com um baque forte. Ele cai ao lado da lixeira, e tudo o que dá para ver dele da outra rua são os pés. A cidade é barulhenta demais para que alguém que passa o ouça.

Mesmo que alguém ouvisse, seguiria em frente. É o que as pessoas fazem. Dizendo a si mesmas que vão morrer também. Dizendo a si mesmas que sua vida é mais preciosa que a da pessoa morrendo aos seus pés.

Resumindo, ninguém está nem aí.

Um sorriso sombrio curva meus lábios quando o cara olha para mim, surpreso e horrorizado.

Ele entrou neste beco como um predador.

E vai morrer como uma presa.

Tiro o casaco de moletom, tomando cuidado para não deslocar a peruca loira, e o jogo na lixeira. Depois tiro a calça de moletom, revelando o vestido que tenho por baixo, e calço sapatos de salto.

É hora de fazer o que vim fazer, em vez de ficar perdendo tempo com a escória nas sombras, que as pessoas tentam evitar. Os monstros daqui não se comparam ao monstro que eu sou.

Alguns olhos são atraídos por mim quando passo, mas não me incomodo.

Ninguém vai falar da prostituta loira que acabou de matar um homem sem grande esforço. Vão todos fingir que não viram nada.

Até mesmo os caras em grupo se afastam, tropeçando sozinhos em sua pressa. A maioria tem um revólver enfiado na parte de trás da calça jeans, mas eles acabaram de me ver matar um cara com sua própria faca. Não devem estar confiantes de que o mesmo não acontecerá com eles.

É fato que a maioria das pessoas tem mais medo ao ver uma faca que ao ver uma arma. É um lance psicológico, mas que no momento trabalha a meu favor.

Viro a esquina e saio do beco comprido para a calçada movimentada. Ninguém nem pestaneja ou me nota guardando as luvas ensanguentadas na bolsa em meio ao rebuliço.

A escuridão ajuda.

Abro um sorriso torto quando vejo Lawrence saindo do prédio. Atravesso a rua e desacelero depois de passar por ele.

Lawrence é previsível.

E um perverso.

A bile sobe pela minha garganta de maneira desagradável quando o que imagino acontece. Sinto uma mão quente na minha bunda e viro a cabeça, tentando parecer surpresa.

“Você”, ele diz, sorrindo. “Achei que fosse mesmo. Nenhum encontro *às cegas* hoje?” Lawrence sorri como se tivesse dito algo hilário.

Pisco os olhos e começo a puxar sua gravata, apesar da aversão que quase me faz explodir.

“Não. Está querendo alguma coisa comigo, lindo?”, pergunto, com o sotaque sulista que usei da última vez que me vesti assim.

“Acho que você que estava querendo alguma coisa comigo. Nova York é grande demais pra gente se reencontrar assim por acaso”,

ele diz, com um sorriso convencido.

“Talvez seja o destino.”

Seu sorriso passa de convencido a malicioso.

“Na sua casa ou na minha?”

“Não foi tão difícil.” Arqueio uma sobrancelha e começo a conduzi-lo pela gravata até um estacionamento.

“Aonde vamos?”

“Meu carro está logo virando a esquina”, digo, toda fofa.

Em um estacionamento sem câmeras. Mas deixo a parte boa de fora.

“Você é o tipo de garota que leva um cara a fazer algo tão perigoso quanto entrar em um carro com alguém que não conhece”, Lawrence comenta, embora seu tom seja levemente provocador, como se ele achasse que sou fraca demais para representar um perigo real.

“Você ainda pode voltar atrás”, digo, indo para a direita. Solto a gravata, mas ele acelera o passo e continua me seguindo.

“Não estou preocupado. Acho que posso lidar com você.”

Tenho que conter uma risadinha desdenhosa.

“Meu bem, prometo que você não vai sobreviver a uma garota como eu.”

Não acredito na imoralidade do indivíduo e considero a ética uma preocupação exclusivamente humana, por trás da qual não há nenhuma autoridade sobre-humana.

Albert Einstein

LANA

“Calma, bebezinho, não chora, não. Mamãe vai te comprar um tentilhão. E se o tentilhão não cantar, um anel de diamantes mamãe vai comprar.”

A música se espalha pelo porão, e eu me mantenho num canto enquanto Lawrence recobra a consciência lentamente. Com fascinação, assisto das sombras à variedade de emoções que percorrem seu rosto.

Confusão. Surpresa. Constatação. E a minha preferida: pânico.

Ele luta contra as correntes que prendem suas mãos e seus braços abertos. Está suspenso no ar. É uma excelente posição para morrer. Faz com que a pessoa se sinta fraca e indefesa, por estar estendida e imóvel.

Sei bem disso.

A música muda. Outra canção infantil, cantada em uma vozinha de criança sinistra. Adoro mexer com a cabeça deles.

“Quem é você, porra?”, Lawrence grita, se debatendo enquanto me mantenho no escuro. A lâmpada no teto lança um brilho circular, iluminando tanto a ele quanto às correntes que pendem de seu corpo enquanto aguardo a chegada do segundo prisioneiro.

Assim que ele entrou no carro, bati sua cabeça duas vezes contra a porta, para me certificar de que estivesse desmaiado. Então tive que arrastar o restante de seu corpo para dentro. Lawrence é puro músculo. Eu não previ que seu peso morto seria tão pesado.

O esforço valeu a pena.

Hematomas já estão surgindo em volta de seus olhos e em sua testa. Uma concussão deve tê-lo mantido apagado por mais tempo do que uma pancada normal.

“Cadê você? E onde eu estou, porra?”, ele ladra, debatendo-se em vão e sacudindo as correntes, que produzem um tinido implacável em aviso.

Lawrence vira a cabeça para um lado e para o outro, tentando ver alguma coisa além da luz no teto. Está cercado por quatro paredes de pedra em um porão quadrado, meio grande. Como em um pesadelo arrepiante.

Eu devia ter começado a usar lugares sinistros para matar antes, porque adoro como seu corpo treme de medo só de ver o entorno.

Estou toda de preto agora. Tirei o batom vermelho e a peruca loira. Troquei o salto alto por botas — as botas masculinas que sempre uso, com o bico que Jake projetou para deixar pegadas uniformes, do calcanhar aos dedos.

Estou sem as mochilas, porque elas não são necessárias, já que não há terra por perto. O piso de pedra logo estará pintado com dois tons de vermelho. E depois vou pintar as paredes.

“Alguém responde, caralho! Socorro!”, ele grita, mas só recebe o silêncio em resposta. A antiga casa de Tyler fica no meio do nada. É fácil matar assim. Seria difícil dar um fim a Lawrence no apartamento que ele divide com outro cara.

A esposa de Tyler está fora da cidade no momento, após uma briga por conta de algumas mensagens que encaminhei para ela —

anonimamente, claro. Tyler acha que Denise ficou com ciúme e o sabotou. A esposa acha que ele é um canalha desprezível — palavras dela — e o deixou, em um acesso de fúria.

Estou rastreando o celular dela com o celular clonado de Tyler.

Lawrence continua gritando, porém a letra de “A roda do ônibus” abafa suas súplicas.

Algumas horas depois, ele está quase rouco e se mijá todo, sem conseguir segurar. É o primeiro passo de sua humilhação. O primeiro passo da perda da dignidade. Eles sempre se mijam e se cagam.

Um sorriso se forma em meus lábios.

Lawrence xinga e a primeira lágrima rola. Todo acorrentado, ele não tem como enxugá-la. Quero todas as suas lágrimas. Quero todo o seu sofrimento e terror.

Quero vê-lo degradado a ponto de não lhe restar nada além de indignação e humilhação. Depois quero ouvir seus gritos.

Uma hora depois, ele perde o controle de sua bexiga outra vez e começa a chorar aos soluços. Seu jeans escurece e o cheiro chega até mim. É o cheiro da vingança. Bom, é cheiro de mijó mesmo, mas dá para entender.

Lawrence está sem camisa. Dá para ver que está todo arrepiado de frio. Quanto mais frio o lugar, pior a dor dos golpes.

“A putinha está chorando”, Morgan diz, rindo baixo enquanto uma lágrima solitária rola pela minha bochecha.

Estou presa, por isso não consigo enxugá-la. Tento me refugiar em minha mente e bloquear a dor.

“Essas lágrimas não vão te salvar, sua vagabunda”, Lawrence diz, perto da minha orelha. “Implora pra eu parar.”

“Para... por favor, para”, ouço meu irmão pedir, chorando.

“Um já está implorando!”, Tyler anuncia, rindo como uma hiena.

Consigo soltar os braços da pegada de Tyler e socar a lateral do rosto de Lawrence, gritando.

“Sua puta de merda!”

Ele continua montado em mim e volta a prender minhas mãos.

“Segura essa vagabunda do caralho, ou vou deixá-la arrancar seus olhos quando chegar sua vez!”

Tyler solta um palavrão e segura minhas mãos contra o chão. Grito quando elas deparam com a superfície implacável e sinto o sangue escorrendo. Procuro me concentrar nisso, e não no que Lawrence está fazendo com o restante do meu corpo.

“Essas lágrimas não vão te salvar”, digo, fazendo Lawrence virar a cabeça na minha direção e apertar os olhos para as sombras, tentando me enxergar.

“Quem é você, porra?”

Dou três passos, permitindo lentamente que a lâmpada me ilumine. Sua testa se franze em confusão. A fúria domina seu rosto, porém as correntes o mantêm no lugar.

“O que é que você quer, sua puta?”

“Que você implore pra eu parar.”

Lawrence começa a falar, então a porta se abre, e o corpo de Tyler rola escada abaixo. O recém-chegado grita de agonia, enquanto Jake desce um degrau por vez, desfrutando do fato de que a vingança finalmente chegou para esses dois filhos da puta, depois da conversa que testemunhamos.

Tyler já parece meio morto. Por acaso eu mencionei que Jake tem feito as mesmas aulas que eu? A lista de artes marciais que aprendemos só aumenta, assim como o número de faixas pretas que temos.

Fizemos as aulas em outra cidade, com outro nome, claro. Mas isso não importa agora.

“Você!”, Lawrence grita, olhando para Jake.

Jake bate nas próprias pernas. “Elas continuam funcionando, por sinal.”

Tyler é um emaranhado de membros no chão. “Deixou um pouco pra mim?”, pergunto a Jake, enquanto ele puxa o corpo de Tyler até as correntes.

“Quem é você, caralho?”, Lawrence repete, como se ainda lhe restasse algum controle.

“Ainda tem bastante. E agora vai doer mais quando você cobrar a dívida.”

Sorrio, enquanto Lawrence continua a nos atacar verbalmente mesmo em sua posição vulnerável, e ajudo Jake a prender Tyler. Deixamos seu corpo esticado como o de seu amigo e o suspendemos. Os dois estão frente a frente agora.

“Quer saber quem eu sou?”, pergunto a Lawrence enquanto Tyler treme de medo, seus olhos arregalados, vertendo lágrimas febrilmente.

Avalio o estado do corpo de Tyler.

Suas pernas estão quebradas. Jake deve ter deixado sua agressividade extravasar. Que bom. Ele estava precisando mesmo.

“Você é uma puta de uma louca!”, Lawrence grita.

Sorrio e olho para ele.

“Sou uma puta de uma louca irritada. Você me conhece, da adolescência. E conheceu meu irmão também.”

Tenho que sorrir quando a cor começa a deixar seus olhos. “Essas lágrimas não vão te salvar”, repito, e dessa vez ele percebe por que digo isso. “Implora pra eu parar.”

Ele fica branco como o fantasma que acredita que sou. Volto a

olhar para Tyler, que também parece estar tentando entender.

“Comporte-se, Victoria. Vai doer muito menos se você se comportar.”

Não chora, Victoria. Não deixa que eles vejam o que fizeram com você.

Mas eu deixo. E muito. Não resisto ao som dos gritos do meu irmão atrás de mim, implorando, implorando, implorando... enquanto eles apenas riem.

Como se fosse música aos ouvidos deles.

Quero que seus ouvidos sangrem.

“Comporte-se, Tyler. Vai doer muito menos se você se comportar”, provoco, então fico vendo ele cair em si.

Seus olhos se arregalam de uma maneira que deve doer, e Jake sorri ao constatar. Ele sempre perde essa parte. Talvez eu passe a ter outro tipo de parceiro, se ele tiver estômago para o restante. Eu adoraria que ele participasse. A vingança é dele tanto quanto minha. Ambos amávamos Marcus.

E eles o tiraram de nós.

Eu me coloco diante de Lawrence, e Jake me passa minha faca preferida. Uma faca cega. Brutal. Dói horrores quando finalmente consigo rasgar a pele.

“Você está morta”, o cretino diz, olhando para mim como quem não consegue acreditar. “Você deveria estar morta.”

Fico olhando para ele enquanto passo a faca por sua coxa, sentindo como treme.

“Vocês deviam ter me matado melhor”, digo, quando a lâmina penetra a carne.

Lawrence grita de dor quando a pele finalmente se abre. Não tenho pressa. “Vou precisar de uma afiada para as orelhas”, digo a Jake. Tyler vomita ao som dos gritos de Lawrence.

Eu me dirijo a Tyler agora, para que um veja o outro sendo morto lentamente.

“Espero que vocês, meninos, não estejam com sono. Mudei de ideia quanto ao número de dias que vocês me devem. Vai ser uma longa semana.”

*É impossível prevenir a guerra ao mesmo tempo que se prepara
para ela.*

Albert Einstein

LOGAN

Olho para o celular e leio a última mensagem que Lana me mandou.

LANA: Te ligo hoje à noite, se estiver livre. Desculpa ter perdido sua ligação. As coisas andam corridas. <3

“Ah, um coraçãozinho! A coisa está ficando séria”, Craig diz por cima do meu ombro, o que lhe rende uma cotovelada na barriga.

Reviro os olhos enquanto ele geme e tosse, então respondo à mensagem.

EU: Devo estar livre hoje à noite, se nada acontecer. Sabemos quem é o assassino e o rosto dele está em todos os jornais. Você tinha razão. É um funcionário da empresa de faxina que recebia por fora. Ele conseguiu escapar, mas estamos procurando o cara por toda a cidade.

LANA: Toma cuidado. Ele provavelmente vai curtir a fama repentina, se sempre foi negligenciado. Pode querer ainda mais atenção e ir atrás de você, se o barato passar rápido demais.
Matar o agente do FBI responsável pelo caso dele não passaria batido.

Nunca quis namorar ninguém que fizesse o que eu faço, porque, na minha experiência, nunca dá certo misturar trabalho e sexo.

Lisa, que agora é minha subordinada, é uma pedra no meu sapato desde que terminamos, anos atrás.

É desconfortável. Frustrante. E ela usa nosso passado contra mim sempre que pode.

Lana, no entanto, é a mulher perfeita. Alguém que entende o que faço sem estar ao meu lado enquanto o faço. É o melhor de dois mundos.

Motivo pelo qual continuo preocupado: ela parece boa demais para ser verdade.

EU: A chance de que ele venha atrás de mim é pequena. Se vier, vou ser poupado do trabalho de ter que encontrar o cara.

LANA: É sério, Logan. Caras assim podem ficar obcecados por alguém como você.

EU: Ele é um esturpador. Um esturpador em série. Precisa de uma mulher para se aliviar. É mais do que apenas um serial killer. O que diminuiu muito a possibilidade de que venha atrás de mim.

LANA: Qualquer pessoa que sempre tenha vivido nas sombras e de repente fica sob os holofotes vai curtir isso. E alguém como ele mais ainda. Sádicos sexuais desfrutam do poder. É o que os deixa excitados. O poder sobre você pode substituir facilmente o poder sobre as mulheres que são vítimas dele.

EU: Gosto que você se importe tanto.

LANA: Gosto dos meus orgasmos.
E quero mais.

Isso me faz rir. Deixo o telefone de lado quando Craig reaparece, com as últimas atualizações.

Era para ter sido uma prisão fácil, mas alguém avisou o criminoso. Só pode ter sido. Ou de alguma maneira ele tem acesso às informações da polícia. O cara bate certinho com o nosso perfil.

Encontrá-lo só vai ficar mais difícil agora. Ele recebia em dinheiro e nunca teve uma conta. Pagava o aluguel semanalmente também em dinheiro. Não há registros físicos ou eletrônicos de sua vida. A conta de luz estava inclusa no aluguel, o que não deixa realmente nenhum rastro a seguir.

O cara deixou o celular.

Levou as roupas.

É como o vento, e pode levar meses para que reapareça se não o encontrarmos logo.

Quatro dias depois, nada aconteceu, e eu gemo enquanto volto para casa com a equipe. Gerald Plemmons. É o nome do Bicho-Papão. Dar um rosto a ele ajudou a aliviar o medo de algumas pessoas na cidade, porém o criminoso continua solto.

Um dia, ele vai voltar a matar. Infelizmente, até que o faça, talvez não tenhamos como encontrá-lo.

Assim que saio do jatinho, corro para meu SUV e dirijo como um louco até a casa de Lana. Não sou esperado, mas não consegui falar com ela. A ligação fica caindo na caixa postal. Espero não irritá-la aparecendo sem avisar.

Pareço levar uma eternidade para chegar. Quando finalmente me vejo diante de sua porta, bato com determinação.

O som de passos apressados me tranquiliza. O Mustang dela não está aqui, então é uma surpresa feliz ouvi-la falando do outro lado. O que ela diz, no entanto, não me deixa muito feliz.

“Você tem a chave! Então usa, Jake! Para de me fazer atravessar a casa toda...”

Ela se interrompe quando abre a porta.

De toalha.

Ainda molhada.

“Logan!”, Lana diz, com os olhos arregalados em choque.

Não lhe dou tempo para pensar antes de beijá-la e fechar a porta atrás de mim, com o pé. Suas mãos vão para meu cabelo e eu a ergo, gemendo quando sinto sua bunda nua nas mãos.

A toalha cai e fica presa entre nossos corpos. Continuo a beijá-la, a caminho do quarto. Lana retribui com o mesmo vigor, deixando claro que não se importa que apareci sem avisar.

Faz uma semana. Faz uma semana inteira que não a vejo.

Minhas mãos descem pela curva de sua bunda e chegam até o que procuro. Meus dedos deslizam por sua boceta, que está molhadinha e preparada para mim. Por mais que eu adore a parte que antecede o sexo em si, hoje vou ter que pular. Talvez depois que eu saciar um pouco meu vício consiga ir mais devagar e dar ao seu corpo a atenção que ele merece.

“Então você sentiu minha falta?”, ela pergunta contra os meus lábios, apertando as pernas na minha cintura quando finalmente chegamos ao quarto.

“Demais.”

Não lhe dou tempo para pensar antes de deitá-la na cama e começar a me despir. Lana fica assistindo, enquanto sobe o corpo nu pela cama e atira a toalha num canto.

Ela morde o lábio inferior. Termino de tirar a roupa e a agarro pelos tornozelos, derrubando-a de costas na cama. Um gritinho surpreso lhe escapa. Eu coloco a camisinha e me posiciono entre suas pernas na cama alta.

Assim que me alinho, meto com tudo, sentindo as paredes de sua vagina se apertarem diante da penetração abrupta. Ela geme e arqueia as costas, como se minhas fantasias se tornassem realidade.

Agarro seus quadris e a como com firmeza e entrega, deixando

que seus gemidos e arquejos sirvam de combustível e me guiem. Quando seu corpo fica rígido e sua boceta me aperta, um calor se espalha pela minha espinha, e uma corrente elétrica percorre meu corpo, em forma de prazer.

Sua boca se entreabre e ela se agarra ao lençol, os punhos retorcendo o tecido macio sobre a cama desarrumada.

As metidas vão ficando mais preguiçosas, até meus quadris pararem por completo e ela estar arfando e sorrindo para mim.

“Oi”, Lana diz, com uma risadinha.

Também rio, então deixo meu corpo cair sobre o dela.

“Oi.”

Eu me viro e jogo a camisinha no cesto de lixo ao lado da cama, depois volto a encará-la, passando um dedo por sua bochecha. Quando Lana se mexe, sou obrigado a me ajeitar na cama, para que ela consiga se deitar direito.

“Quem é Jake? E por que ele tem a chave?”

Seu sorriso se alarga, como se ela estivesse gostando daquilo.

“Está com ciúme?”

Estreito os olhos, e ela ri enquanto apoia uma perna no meu quadril e a cabeça no meu bíceps.

“É o meu sócio. Ele acabou de sair, então achei que tivesse esquecido alguma coisa. O cara acha graça em me fazer atravessar a casa inteira pra abrir pra ele em vez de usar a própria chave. Ou então acha que vou pensar que é um ladrão e dar uma facada nele sem querer ou algo do tipo.”

Não gosto que Jake tenha a chave da casa dela, principalmente considerando que não o conheço.

“Qual é o sobrenome dele?”, pergunto, preparado para revirar a vida do cara... e ver que cara ele tem.

Estou morrendo de ciúmes.

Merda.

“Ele é um sócio oculto, então não posso fornecer o nome dele. Desculpa, mas foi o que combinamos. Nosso último negócio levou alguns dias a mais do que esperávamos, mas achamos melhor ser minuciosos. A gente se conhece desde sempre. Ele é como um irmão pra mim. Não se preocupa. Garanto que não tem nada de sexual na nossa relação.”

“Ele é gay?”, pergunto, esperançoso.

Ela abre um sorriso largo. “Ele é bi e em geral prefere homens a mulheres.”

“Eu preferiria que ele fosse gay.”

A risada de Lana é fofa e despreocupada. Juro que ela parece mais leve e feliz cada vez que a vejo.

Franzo a testa quando meus dedos voltam vermelhos da lateral de sua cabeça.

“Você está sangrando?”, pergunto, preocupado, e tento inspecionar seu cabelo. Será que usei força demais?

Ela arregala os olhos para os meus dedos. “Hum... não. É de um negócio que pintei com Jake. Acho que não tirei tudo.”

Esfrego a substância entre os dedos. É sangue mesmo.

“Não mente pra mim”, digo, e continuo tentando olhar, mas ela vira a cabeça e pula para fora da cama.

“Tá bom. É sangue”, Lana confessa. “Mas é de Jake, e não meu. Ele cortou o dedo e acho que acabou me sujando. Pensei que tivesse saído tudo no banho.”

Lana vai para o banheiro e eu vou atrás. Fico olhando enquanto ela lava o cabelo.

Um fio de água vermelha escorre, mas para meu alívio ele acaba logo, o que significa que ela não está mesmo sangrando.

“Por que não falou antes?”

Lana dá de ombros, sem me encarar. “Você estava todo preocupado com Jake. Achei que era melhor não mencionar o cara.”

Solto o ar, e seus olhos encontram os meus no espelho.

“Desculpa. Não quis parecer um babaca ciumento.”

Ela abre um sorriso tenso.

“Não tenho o direito de mentir pra você e fazer com que se sinta culpado. Desculpa”, Lana diz, olhando para o chão.

Eu levanto sua cabeça, abaixo a minha e roço meus lábios nos dela.

“Acho que nós dois ainda estamos tentando descobrir como fazer isso. É um aprendizado”, digo, e sorrio quando ela geme e pressiona a cabeça contra meu peito.

“Você é tão bom”, Lana diz, baixo. “Tenho medo de estragar suas melhores partes.”

“Impossível. Você também é boa, Lana.”

Sinto seu corpo se tensionar e fico preocupado quando ela abraça minha cintura com mais força. Não sei bem o que aconteceu nos últimos cinco minutos. Agora parece impossível decifrá-la.

Em vez de insistir em perguntas, eu apenas a abraço, até que ela solta um suspiro no meu peito.

“Também senti saudade”, Lana diz, após um longo silêncio.

“Então me deixa te levar pra sair.”

Ela levanta a cabeça, com uma sobrancelha arqueada. “Lagosta e vinho?”

Faço que sim.

Lana sorri. “Depois orgasmos.”

Dou risada e ela sai do banheiro, de novo de bom humor. É um enigma, e acho que isso é metade de seu charme.

Grandes espíritos sempre encontraram uma oposição violenta de mentes medíocres.

Albert Einstein

LANA

O jantar? Perfeito. A lagosta? Amei. O vinho? Excelente. Logan? Bom demais para mim.

Menti pra ele. Depois menti pra me safar da mentira, porque não podia dizer a ele que tinha sangue das minhas duas últimas vítimas no cabelo. Então me odiei pela cara de culpa que ele fez.

Logan pediu desculpa.

E então eu me dei conta de como tudo isso é zoadado.

Logan é incrível. É tudo o que sonhei e nunca pensei poder sonhar, porque alguém tão bom não devia existir.

No entanto, aqui está ele.

Bom, não agorinha. No momento, ele está em casa, pegando mais roupa. Vai tirar uns dias de folga, porque não está com nenhum caso quente. O que significa que ainda não encontraram meus últimos corpos. Ou que não é ele que está cuidando do meu caso...

Escapei por pouco ontem. Dez minutos antes e ele teria me encontrado coberto de sangue, empilhando minhas roupas nos fundos da casa para queimar. Esperei até que ele fosse embora para fazer isso. O piso da minha casa é tão escuro que ele nem notou as manchas de sangue. Eu poderia ter inventado uma mentira para

isso também, mas não teria como explicar meus sapatos ou minha mala.

Ainda bem que estava tudo lá em cima.

Nunca mais vou deixar meu celular ficar sem bateria. Ele tentou me ligar várias vezes, mas eu estava terminando com Tyler e Lawrence, e não parei para carregar o celular.

Eu deveria ter carregado no caminho de volta, mas ele estava na mala... que eu joguei dentro do armário... e não conseguia achar até que caiu a ficha de onde estava.

Jake passou um tempão vomitando em um balde no carro nas partes mais sangrentas. Ele não podia vomitar no porão e deixar para trás uma poça de DNA.

Ele não tem estômago para ser um monstro.

Enquanto avalio a pasta da minha próxima vítima, lendo sobre sua vida, meu celular toca. Atendo imediatamente quando vejo que é Jake.

“Encontrou o cara?”

“O nome dele é Gerald Plemmons, de acordo com os jornais. As buscas não deram em nada. E Bicho-Papão? Sério?”

Dou risada.

“Espero que pensem em um nome melhor pra você.”

Estremeço só de pensar nos nomes que podem me dar. É por esse nome que Logan vai se lembrar de mim se um dia descobrir a verdade.

Ele vai odiar a mulher com quem agora se importa, porque verá o monstro dentro dela.

“Mas você encontrou o cara? O nome dele eu já sabia”, prossigo, me recusando a pensar mais naquilo.

“Ele está em Washington, DC.”

Meu coração acelera no peito.

“Tem certeza?”

“Acabou de matar mais uma”, Jake diz. “Ele não tem nenhum documento que possa ser rastreado, mas acabou de anunciar seu paradeiro. Agora, em vez de deixar o corpo no apartamento, ele o pendurou na janela, para todo mundo ver. E, em vez de matar uma garota qualquer, matou a esposa de um juiz. Estuprou a mulher brutalmente, depois a matou de maneira exagerada.”

“Exagero costuma apontar raiva”, digo baixo, enquanto tento processar tudo.

“Acho que nesse caso foi mais uma mensagem que qualquer outra coisa. Acho que foi tipo um foda-se pro FBI. Você tinha razão: o cara curtiu a atenção. E quer mais, por isso o exibicionismo.”

“E agora ele vai atrás de Logan.”

“Sim e não.”

“Como assim?”, pergunto, indo para os fundos da cozinha olhar pela janela, pensando ter ouvido barulho de carro, por pura paranoia.

“Tem mais. O corpo que ele pendurou na janela estava nu. Tinha Bicho-Papão talhado no peito dela. E outro nome: Logan Bennett.”

Sinto um aperto no peito e afundo na cadeira. Sabia que ele ia fazer isso. Sabia que ele ia atrás de Logan.

“Tem certeza de que é ele? E não um imitador?”

“Nem tudo foi divulgado ao público. Dessa vez, ele deixou DNA, provavelmente para confirmar a autoria do crime. Agora ele está reivindicando seu trabalho.”

“E tem Logan como alvo. Temos que encontrar o cara antes que ele possa fazer alguma coisa.”

“Eu ainda não terminei. O cara está atrás do seu agente, sim, mas vai chegar a ele através de alguém próximo. Vai querer provocar e atormentar Logan. Mais alguns corpos vão aparecer antes que ele

dê a cartada final. E atrás de quem um sádico sexual iria para machucar um homem?”

Preciso de um segundo para acompanhar seu raciocínio, então meus lábios se contorcem em um sorriso sombrio.

“Da namorada dele.”

“Exatamente. Tem certeza de que dá conta de um criminoso desses? Ele não é como os caras da sua lista, Lana. É um profissional, sem qualquer misericórdia. Se ele...”

“Os caras que mato não foram anjos... e *não são* anjos, Jake. Você sabe disso. Eles me matariam se soubessem que estou viva, ou se eu lhes desse alguma chance na hora H. Então, sim. Eu dou conta do Bicho-Papão. Até monstros têm pesadelos, e eu serei o dele.”

Jake exala pesadamente, avaliando a gravidade da situação.

“Ele costuma invadir as casas. Ataca as mulheres imediatamente, usando força bruta. Então as domina e bate nelas, depois as estrangula até quase desmaiarem.”

“Sei disso.”

“Ele as pega desprevenidas, Lana. Você não vai poder baixar a guarda em nenhum momento.”

“Vai ser bom se ele me acertar algumas vezes”, digo, colocando frutas no liquidificador para fazer suco. “Pra ficar mais fácil acreditar.”

“É arriscado demais. Acho que preciso colocar um sistema de segurança na sua casa.”

“Não. Nem pensar. Se alguém descobrir...”

“Verdade. Merda! Então me deixa ficar aí com você?”

“E como eu explicaria sua presença se Logan aparecer do nada outra vez? Você sabe o que aconteceria, não sabe? Tem um motivo pra você estar se locomovendo em cadeira de rodas há três anos. Pra entrar e sair de casa e da sua cidade.”

Ele geme, e eu ligo o liquidificador e volto a olhar pela janela. Como se Logan soubesse que estou falando a seu respeito, uma mensagem chega enquanto Jake fala.

“Tá. Vou pensar em alguma outra coisa.”

LOGAN: Problemas com o Bicho-Papão. Ligo depois.

EU: Tá bom. Toma cuidado.

LOGAN: Sempre tomo, linda.

“Você está mandando mensagem durante a ligação?”, Jake pergunta, irritado.

“Talvez um pouquinho.”

Volto a olhar pela janela, e dessa vez noto um carro e um lampejo vermelho antes de conseguir identificar quem está nele.

“Preciso ir”, sussurro para Jake, então desligo antes que ele possa dizer alguma coisa.

Deixo o celular na bancada e pego um revólver. Desativo a trava de segurança e caminho lentamente até a porta.

Alguém bate, e eu solto o ar. Duvido que o Bicho-Papão fosse bater educadamente antes de cortar minha garganta.

Pelo olho mágico, constato que é uma ruiva bonita, o que me deixa confusa. Visto o jeans apoiada no encosto do sofá e me olho no espelho. Enfio o revólver na parte de trás da cintura da calça e abro a porta, me recostando no batente para que ela não pense em se convidar a entrar.

“Se veio para pregar o evangelho, vai ter muito trabalho pela frente. Se veio vender alguma coisa, está perdendo seu tempo, porque faço todas as minhas compras online. Se veio...”

“Sou Hadley Grace”, ela diz, me interrompendo. Seu nome soa vagamente familiar, mas não sei de onde.

“Tá”, digo, dando de ombros para deixar claro que o nome não me diz nada.

“Logan Bennett é meu chefe.”

Fico surpresa. “Você não deveria estar em Washington? Ouvi dizer que o Bicho-Papão fez outra vítima.”

Ela arregala os olhos e pega o celular do bolso, então lê alguma coisa e solta um palavrão.

“Vou ser rápida”, Hadley diz, com um arquivo na mão.

Ela o oferece a mim. Meu sangue corre mais rápido pelas veias quando o abro e constato que meus piores medos estão se tornando realidade.

“Na verdade, você é que vai ter que ser rápida”, Hadley diz. “Me conta por que caralhos você roubou a identidade de uma garota morta.”

SOBRE A AUTORA

S.T. Abby, também conhecida como CM Owens e Kristy Cuning, é autora de mais de cinquenta livros de romance.

Copyright © 2016. THE RISK by S.T. Abby
Os direitos morais da autora foram assegurados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Risk
CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA Gustavo Magalhães
PREPARAÇÃO Clarissa Melo
REVISÃO Natália Mori e Luíza Côrtes
VERSÃO DIGITAL Calil Mello Serviços Editoriais

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.editoraparela.com.br
atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Abby, S.T.

O risco / S.T. Abby ; tradução Lígia Azevedo. — 1. ed. eletrônica — São Paulo : Paralela, 2026. (Série Mindfuck ; 1)

Dados eletrônicos (1 ePub).

Título original: The Risk.

ISBN 978-85-8439-568-2

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Sumário

1. [Capa](#)
2. [Folha de rosto](#)
3. [Dedicatória](#)
4. [Capítulo 1](#)
5. [Capítulo 2](#)
6. [Capítulo 3](#)
7. [Capítulo 4](#)
8. [Capítulo 5](#)
9. [Capítulo 6](#)
10. [Capítulo 7](#)
11. [Capítulo 8](#)
12. [Capítulo 9](#)
13. [Capítulo 10](#)
14. [Capítulo 11](#)
15. [Capítulo 12](#)
16. [Capítulo 13](#)
17. [Capítulo 14](#)
18. [Capítulo 15](#)
19. [Capítulo 16](#)
20. [Sobre a autora](#)
21. [Créditos](#)